



PUC RIO

CIRCE NAVARRO RIVAS

A ESTRUTURA DO INCONSCIENTE E AS ESTRUTURAS INCONSCIENTES
- UM ENSAIO DE METODOLOGIA EM CIÊNCIAS DO HOMEM

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

A ESTRUTURA DO INCONSCIENTE E AS ESTRUTURAS INCONSCIENTES
UM ENSAIO DE METODOLOGIA EM CIÊNCIAS DO HOMEM

por

Circe Navarro Rivas //

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do
grau de MESTRE EM PSICOLOGIA TEÓRICO-EXPERIMENTAL



Orientador da Tese

Rio de Janeiro, GB, Novembro de 1974.

78053



BC
14451

150
B 827 e
TESE-UC
UC-3977-2
bc 2

Landini

RCCC

À Mariana
Construtora do tempo seguinte

ii

Este trabalho é uma apresentação do problema metodológico das Ciências do Homem, tal como é posto pela Lingüística Estrutural, a propósito dos traços pertinentes do fonema. Destacamos esta ciência como modelo de todas as outras, não só por ser a primeira a tratar objetivamente o fato humano como fato de significação, mas também pelos recursos metodológicos que apresenta para distinguir as Ciências do Homem das Ciências da Natureza.

Estendemos nossa análise às estruturas elementares de parentesco, na Antropologia Estrutural, a fim de exemplificar o uso do modelo lingüístico no campo de uma outra ciência. Consideramos da maior importância completar esta análise com a estrutura do inconsciente, tal como é construída pela Psicanálise Estrutural. Esta estrutura, embora esteja baseada no mesmo modelo, representa um enriquecimento não só para a Lingüística como para as Ciências do Homem em geral, uma vez que é a cadeia de significantes que vai esclarecer a origem da função simbólica no homem e as condições de sua emergência nas estruturas de superfície. Tentamos, inclusive, desdobrar a construção dessa estrutura, a fim de torná-la mais acessível à compreensão, pois sua apresentação, na obra de Jacques Lacan, é bastante sucinta.

O ponto principal de toda esta análise é, portanto, tornar explícito o problema metodológico das Ciências do Homem, que tem sua solução sugerida pelo uso do modelo lingüístico, particularmente importante no campo da Psicologia.

SUMMARY

This is a presentation of the methodological problem of the human sciences as it appears in Structural Linguistics in reference to the distinctive features of the phonemes. We take modern Linguistics as a model for the human sciences, not only because it is the first science to deal objectively with the human fact as meaning, but also because it can bring us a methodological clear distinction between the Human Sciences and the Sciences of Nature.

We did extend our analysis to the kinship structures of Levi-Strauss's Structural Anthropology, bringing from the field of another human science an example of the use of the linguistic model. This analysis, though, is only completed with the study of the structured unconscious, as it is build as a concept in Structural Psychoanalysis. Although, it has its basis on the same model, the clarification of the structure of the unconscious is an enrichment, not only for Linguistics, but for the Human Sciences in general, since the chain of the signifiants is what is going to clarify the origin of the symbolic function of man and the conditions of its emergence on the superficial structures. We tried to elaborate our clarification of this construction of the structured and structuring unconscious, making it accessible to understanding, since it is so briefly summarized in the work of Jacques Lacan.

Therefore the main point in this analysis is to make explicit the methodological problem of the Human Sciences that has its solution suggested by the use of the linguistic model that is particularly important in the field of Psychology.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA	4
CAPÍTULO 2 - ANÁLISE ESTRUTURAL DO FONEMA	11
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DAS ESTRUTURAS DE PARENTESCO ..	24
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DA ESTRUTURA DO INCONSCIENTE ..	45
CONCLUSÃO	76
BIBLIOGRAFIA	81

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O objetivo fundamental de nosso trabalho é destacar um dos caminhos utilizados pelas Ciências do Homem, na atualidade, para a construção de seu conhecimento. A apresentação dessa metodologia nos levará, em última instância, à explicitação das estruturas inconscientes organizadas de acordo com leis e que poderão explicar-nos, através de seus efeitos, o homem na sua superfície aparente e complexa. Nosso recorte metodológico, no que diz respeito às estruturas inconscientes, incidirá sobre a Linguística, relativamente à Análise Estrutural do Fonema, e sobre a Antropologia, no que se refere às Estruturas das Relações de Parentesco.

A formação dessas estruturas inconscientes tem sua condição determinada por uma estrutura original, a Estrutura do Inconsciente. Para analisar esta estrutura, nosso recorte metodológico incidirá sobre a Psicanálise, enquanto nos fala da construção da Cadeia de Significantes.

A estrutura do inconsciente parece-nos constituir, atualmente, o cerne do conhecimento científico do homem considerado sem reducionismo, não mais como um aglomerado de partes que se descrevem ou se agrupam quantitativamente, mas como uma estrutura inserida no seu contexto mais amplo - o mundo das significações.

O trabalho pretende, pois, tratar de uma abordagem metodológica que nos parece das mais fecundas, na atualidade, para construir conhecimento intersubjetivo nas Ciências do Homem e, em particular, na Psicologia. Superando o sonho do Fisicalismo e não se deixando encantar pelo método especulativo, essa nova metodologia caracteriza-se pelo tratamento científico dado ao

fato humano, sem limitá-lo a sua infra-estrutura e sem perdê-lo na ambigüidade. Reconhece esse fato, tal como ele se organiza em função das possibilidades do homem, sem igualá-lo ao fato natural, cuja ordem não é de sua autoria.

CAPÍTULO 1
UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA

As Ciências do Homem encontram, pela primeira vez, a partir de Ferdinand de Saussure, uma metodologia abrangente do fato humano, sem pretensões a reduzi-lo a recursos mecanicistas e encarando-o na sua complexidade simbólica, de forma objetiva e sistematizável. Poderíamos considerar Saussure como o Galileu das Ciências Humanas. Da mesma forma que Galileu levou o homem a superar suas explicações antropomórficas dos fatos físicos, através de uma metodologia que dirigiu à natureza suas perguntas e hipóteses para que ela as refutasse ou não, Saussure ultrapassa as explicações reducionistas dos fatos humanos, supera a hegemonia do princípio de causalidade e sugere uma metodologia que dirige ao homem suas perguntas e construções, para que ele as refute ou não, em função de sua forma própria de constituir seu universo.

Vamos analisar duas dessas construções: a Estrutura do Fonema e as Estruturas Elementares de Parentesco, explicitando em ambos a organização formal que vai esclarecer a suposta arbitrariedade das características aparentes dos sistemas. Essa organização não é espontaneamente conhecida pelo homem. Ele está inserido nela, sujeito a ela, sem consciência, contudo, de sua ordem e de sua lei. Parece-nos ser esse o traço de uma possível distinção entre o fato humano e a ordem natural. A ordem natural é uma ordem pré-estabelecida. O homem não é o autor dela. O fato humano insere-se na ordem natural, na medida em que é por ela delimitado, mas sem reduzir-se a ela. A partir das limitações naturais, constrói-se uma nova ordem, que se superpõe e se integra à anterior, refletindo um modo particular, específico do homem constituir-se no seu mundo: o mundo da significação. A esse respeito, afirma Jacques Lacan: "*la nature de l'homme est*

sa relation à l'homme".¹

A construção do fato humano como fato de significação não é arbitrária, não é um agregado de contingências, mas obedece a uma estrutura lógica inconsciente. Esta estrutura não se apreende diretamente: ela é mediatizada. Entre a estrutura lógica oculta e o sujeito consciente, existem sistemas, como o sócio-cultural e a linguagem, que revestem o mundo de sentido para o homem. Há possibilidade, no entanto, de se atingir a estrutura oculta, na medida em que ela é "representada" no nível de superfície, como uma ausência presente, através de substitutivos, que pertencem à ordem do símbolo. O símbolo é o operador da estrutura e opera sobre os elementos da cadeia inconsciente de significantes (S) e sobre os significantes (S) e significados (s) "coletivos". A cadeia inconsciente de significantes estrutura-se como uma sintaxe do puro vivido, onde tem origem a função simbólica no seu uso formal, conforme analisaremos no quarto capítulo deste trabalho. Os significantes e significados "coletivos" referem-se a uma estrutura de ordem ulterior na qual já se distinguem S/s, componentes do signo. Este define-se como a união de um Significante ou imagem acústica e de um significado ou conceito. Através da articulação do significante-cadeia com o significante-signo é atingida a significação.

O fundamental dessa metodologia é incidir sobre a organização lógica inconsciente e, com isso, explicitar a estrutura delimitante de base. Esta serve como instrumento para compreender um determinismo "orgânico", estranho às aparências, mas acessível à investigação teórica. Trata-se, em última análise, da busca da coerência dos sistemas simbólicos.

¹Lacan, Jacques. *Écrits*. Paris, Éditions du Seuil. (1966) p. 88.

A possibilidade desse acesso deve-se principalmente à Matemática Qualitativa (quantificação intensiva ou extensiva não métrica). Quando Galileu trouxe para a ciência moderna o método hipotético-dedutivo, utilizando-se da quantificação extensiva-métrica, construiu um método que combina a experiência com a medida e a formulação matemática, onde a explicação é dada em forma de hipótese matemática e da qual se deduzem os fatos observados. Dotou-se, assim, a ciência de previsão, diferenciando-a consideravelmente do quadro da ciência indutiva traçado antes por Francis Bacon. Galileu, ao afirmar que o mundo estava escrito em linguagem matemática, mostrou o caminho que levou o homem à conquista da ordem natural. No domínio dos fatos da natureza, desde então, a qualidade passa a ser tomada como aparência, explicada por esquemas abstratos quantitativos. No domínio dos fatos humanos, no entanto, permaneceu a busca da essência tomada como qualitativa, explicada a partir da apreensão imediata e mediatizada através de esquemas especulativos. Esta abordagem constituiu um dos maiores obstáculos à intersubjetividade nas Ciências Humanas.

O progresso das Matemáticas, no século XX, deu-nos afinal o recurso para tratar operacionalmente a qualidade, de forma não numérica. As relações estabelecidas são entre todo e parte e não entre parte e parte. A matematização não equivale, atualmente, apenas à quantidade. George Boole, iniciador da Álgebra da Lógica, já nos afirmava, em 1847: "Não é da essência das Matemáticas se ocupar das idéias de número e de quantidade".² Deve-se a Boole ter estabelecido uma concepção mais abstrata do cálculo algébrico. Os trabalhos de Boole e de sua escola determinaram certamente um renascimento da Ló-

²Boole, George. *Mathematical analysis*. Oxford, Basil Blackwell, 1948. p. 12.

gica, mas a grande época dessa ciência é marcada por Gottlob Frege reconhecido por muitos lógicos como sendo seu fundador, na medida em que estabeleceu os fundamentos da Lógica Matemática Contemporânea, Lógica feita não pelos matemáticos, mas para os matemáticos, usando conceitos mais amplos do pensamento em geral, isto é, puramente lógicos. Frege não se propôs construir uma Lógica como um ramo das matemáticas, mas, pelo contrário, colocar a Lógica como seu fundamento, na medida em que a primeira explicita os princípios formais da segunda. Ao mesmo tempo, Frege introduziu modos de pensamento matemático na construção da Lógica, como por exemplo, o uso da noção de função na análise da proposição, que tão bem esclareceu a extensão de um conceito e a extensão de uma relação.

A Lógica, no seu desenvolvimento posterior, estendeu seu domínio progressivamente às outras ciências, liberou-se de sua tese logicista inicial, e é hoje considerada como uma linguagem, isto é, um sistema de signos e regras de composição e manipulação desses signos.

Na medida em que a Lógica Contemporânea formalizou-se e construiu uma linguagem dotada de conceitos do pensamento em geral, passou a ser instrumento do discurso próprio às matemáticas e às outras ciências, e adequado ao tratamento operacional do qualitativo. A qualidade pode hoje ser tratada objetivamente nas Ciências Humanas, desfazendo-se o abismo entre quantidade e qualidade.

Conceitua-se o qualitativo reduzindo-se as diferenças isoladas a diferenças integradas numa estabilidade estrutural. Aproximam-se conjuntos diferentes, procurando-se ordenar suas diferenças. O problema não está em reagrupar as semelhanças, mas em totalizar

oposições. A estrutura é a sintaxe organizadora da realidade ou domínio das articulações do real. Assim, ela é um sistema de operações, que não só permite explicar como as relações estão estruturadas, mas também como as operações podem transformar essas relações. No aspecto transformacional está o projeto dos possíveis estruturais, recurso para a atuação sobre o real. No aspecto operacional está o invariante da experiência que, por sua vez, está referido às leis do sistema. Já o aspecto transformacional refere-se ao campo de variações, que se processam através dos recortes feitos sobre o real. Dessa forma, a qualidade no domínio dos fatos humanos passa a ser tomada como aparência, explicada como propriedade estrutural.

A abordagem metodológica do qualitativo vai mostrar-nos que as estruturas são produto de uma atividade do homem. O real não é absoluto, não apresenta identidades absolutas. O real é parcial, apresenta oposições e, a partir delas, é que estabelecemos relações de diferenças e semelhanças, através das quais se processam as identidades relativas, não dadas empiricamente, mas produzidas por uma estruturação. É o homem quem as constrói, mas objetivamente: se todos operamos as mesmas relações, o produto a que chegamos é o mesmo. A realidade é relativa, pois submete-se a articulações efetuadas pelo homem. Os recortes e sua montagem são feitos pelo homem. Se uma das relações for mudada, o produto é outro. Este é o problema metodológico posto pela Linguística com a descoberta dos traços pertinentes do fonema e ao qual Luis Prieto³ se refere, perguntando: "si ce qui caractérise les "sciences de l'homme" et les distingue des "sciences de la nature" ce n'est pas le fait que leur objet est dans tous les cas *une façon particulière de con-*

³Prieto, Luis J. La découverte du phonème, interprétation épistémologique. *La Pensée*, Paris, n° 148, déc. 1969. p. 53.

naître un objet. Si cette hypothèse, qui implique que toute science de l'homme est en définitive une épistémologie et qu'elle trouve son objet *dans un sujet qui connaît*, dont la connaissance va justement constituer cet objet, si cette hypothèse, donc, s'avérait valable, la linguistique, en se posant à propos du phonème un problème de pertinence, aurait posé pour la première fois un problème du type qui doit être celui qui caractérise les sciences de l'homme."

Os recursos usados por essa metodologia, serão explicitados no decorrer dos dois próximos capítulos, quando analisaremos as estruturas inconscientes que estão organizadas na base de dois recortes feitos sobre o real - um, do fato lingüístico, e outro, do fato social. Para melhor avaliar a fecundidade e o rigor das construções efetuadas através dessa metodologia, focalizaremos, no final, a estrutura do inconsciente, matriz do homem, construída formalmente, e que nos permite deduzir o seu funcionamento e os seus limites nos níveis do real, do imaginário e do simbólico.

CAPÍTULO 2:
ANÁLISE ESTRUTURAL DO FONEMA

A Linguística é hoje, de todas as disciplinas antropológicas, a mais avançada. Foi a primeira a estudar a homem baseada em princípios mais rigorosas e a ultrapassar, através de sua reflexão sobre problemas metodológicos, seu próprio campo de conhecimento, sugerindo um modelo para as Ciências do Homem.

Ferdinand de Saussure é o precursor desse método. Defende a importância do sistema sobre os elementos, considerando a língua como sistema de signos. Estes são produto do processo de significação, que une significante e significado. Cada signo é considerado também pelo seu valor, que provém do fato de ser a língua um sistema cujos elementos são solidários. Para explicar a significação e o valor do signo, Saussure serve-se da imagem da folha de papel: recortando-a, obtém-se vários pedaços, cada um com um valor em relação aos seus vizinhos e com um verso e um averso inseparáveis - é a significação. O sentido é o recorte simultâneo das idéias e dos sons, e a língua é o domínio das articulações.

Para Saussure, as relações que unem os termos lingüísticos podem verificar-se em dois planos, cada um produzindo seus próprios valores: o plano sintagmático - onde os signos são combinados tendo por suporte a extensão; o plano paradigmático, por ele chamado das associações - onde os signos se associam na memória e entre os quais há diversas relações (sentido, som). A relação entre os signos do primeiro plano é de contigüidade e entre os do segundo é de substituição.

Não pretendemos sintetizar aqui a contribuição de Ferdinand de Saussure, mas apenas fazer referência aos conceitos básicos necessários à compreen-

são de nossa exposição. Por isso, ainda explicitaremos sua afirmação básica de que tudo na linguagem é definido em termos binários, um valendo sempre na relação com o outro, em virtude de uma oposição significativa:

- dualidade do som e do sentido;
- dualidade do paradigmático e do sintagmático;
- dualidade do sincrônico e do dia crônico;
- dualidade do indivíduo e da sociedade;
- dualidade da língua e da fala.

Para ele, cada elemento na linguagem se define pelas diferenças que estabelece com outros elementos do sistema. Na língua, o que existe são as diferenças.

"La loi tout à fait finale du langage est, à ce que nous osons dire, qu'il n'y a jamais rien qui puisse résider dans un terme, par suite directe de ce que les symboles linguistiques sont sans relation avec ce qu'il doivent désigner, donc que *a* est impuissant à rien désigner sans le secours de *b*, celui-ci de même sans le secours de *a*, ou que tous les deux ne valent que par leur réciproque différence, ou qu'aucun ne vaut, même par une partie quelconque de soi autrement que par ce même plexus de différences éternellement négatives".⁴

Do ponto de vista de uma construção mais geral, Émile Benveniste explica a Linguística Estru-

⁴CAHIERS FERDINAND DE SAUSSURE, Paris, nº 12, p. 63, 1954. Apud Benveniste, Émile. *Problèmes de linguistique générale*. (Paris) Gallimard (1966). p. 40 - 1.

tural, em *Problèmes de Linguistique Générale*⁵. Mostramos que atualmente o que se procura na língua são os elementos distintivos em todo os níveis de análise. Procede-se pela decomposição de cada enunciado em seus elementos e, por análises sucessivas, buscam-se as unidades mais simples, diferenciais e opositivas. Esses elementos são ordenados em série e formam em cada língua combinações próprias. Cada elemento vale em função do conjunto no qual está inserido. Está na estrutura a razão determinativa da composição de seus elementos.

A análise lingüística efetua-se por meio de duas operações: a segmentação e a substituição. Pela segmentação sucessiva atingem-se os elementos mais reduzidos, indecomponíveis. Pela substituição dos elementos por outros de igual nível, dar-se-á a identificação dos elementos. A validade da substituição é julgada através da possibilidade de criar uma unidade de nível superior válida, isto é, através da condição apresentada pelo elemento isolado de integrar-se numa unidade superior. O processo de substituição está estreitamente ligado ao de integração. A noção de nível explicita bem o aspecto articulado da linguagem e o caráter discreto de seus elementos. Os níveis constituem a hierarquia de estruturas que compõem a língua como um todo orgânico.

No campo da aplicação, as operações de segmentação e substituição apresentam uma diferença de extensão. Os elementos são identificados em relação a outros segmentos pelos quais podem ser substituídos. Mas a substituição pode operar também sobre elementos não segmentáveis. Se os elementos segmentáveis mínimos são fonemas, a análise pode prosseguir e isolar no interior do fonema os traços distintivos. Os traços distintivos dos fonemas não podem ser mais segmentados, embora sejam identificáveis e substituíveis. É sobre estes traços não

⁵Benveniste, Émile. *Problèmes de linguistique générale*. [Paris] Gallimard [1966] cap. 10, p. 119-31.

segmentáveis que nossa análise vai incidir, com base nos princípios apresentados pela Fonologia.

A Fonologia, tal como foi proposta por Ferdinand de Saussure, "... est en dehors du temps, puisque le mécanisme de l'articulation reste toujours semblable à lui-même".⁶ Ela se distinguiria da Fonética, no sentido em que esta é "une science historique; elle analyse des événements, des transformations et se meut dans les temps".⁷ A distinção baseia-se na oposição "langue - parole", na medida em que a língua, como sistema de regras que determina o uso dos sons, das formas e meios de expressão, é essencial, e a fala, como atualização da língua, enquanto prática individual, é acessória e mais ou menos accidental. Essa distinção vai influenciar o Círculo Lingüístico de Praga, da mesma forma que a caracterização dos fonemas feita por Saussure, como entidades opostas, relativas e negativas. É o que leva Roman Jakobson a afirmar: "Nous identifions les phonèmes d'une langue donnée en les décomposant en leurs caractères phonologiques constitutifs, c'est-à-dire que nous établissons pour chaque phonème quelles qualités l'opposent aux autres phonème du système en question".⁸

O fonema vai ser analisado em seus traços distintivos, através de suas diferenças e semelhanças com os outros fonemas da língua. Nem sempre foi esse o tipo de análise feita pelos lingüistas. Durante muito tempo, eles usavam apenas o critério ingênuo dos falantes, que era o de distinguir sons da língua pela maneira de os locutores articularem esses sons. Não havia preocupação em conjugar outros traços com o do modo de articulação,

⁶ e ⁷ Saussure, Ferdinand. *Cours de linguistique générale*. Paris, Payot, 1968. p. 56.

⁸ Jakobson, Roman. *Essais de linguistique générale*. Rapports internes et externes du langage. (Paris). Les Éditions de Minuit (1973) t. 2, p. 123.

predominando o enfoque empírico em detrimento da formação de um sistema. É Saussure, que vem afirmar: "La langue est un système dont toutes les parties peuvent et doivent être considérées dans leurs solidarités synchroniques".⁹

O encontro dos traços distintivos dá-se a partir da construção de sistemas de categorização primária que, superpostos, vão resultar no sistema de categorização secundária.¹⁰

Os sistemas de categorização primária são formados da seguinte maneira: para se conhecer um indivíduo é preciso distingui-lo de outros indivíduos, - estabelecendo-se uma relação de reciprocidade. Essa distinção é feita através do destaque de uma qualidade. Esta é associada à classe, pois a identificação do indivíduo começa pela sua entrada numa classe. É a relação do todo à parte que funciona como esquema operatório. A falta da classe de generalidade estável impossibilitaria o indivíduo de ser reconhecido como tal, uma vez que é através dela que se estabelecem as diferenças e semelhanças do sujeito e que se dá o reconhecimento de sua identidade. As qualidades não são vistas como se o indivíduo as possuísse de forma absoluta, independentemente de toda relação. Significa que se isolou uma qualidade do indivíduo pelo critério de semelhança, reunindo-se numa mesma classe outros indivíduos nos quais a qualidade se repete. Entretanto, conhecer o indivíduo não consiste apenas em identificá-lo a outros por uma semelhança e, sim, principalmente, distingui-lo dos demais indivíduos pelas características que o diferenciam na relação com os outros. Podemos, então, concluir que não é possível operar sobre uma classe isolada, mas apenas sobre um sistema de classes

⁹Saussure, Ferdinand., op. cit. p. 124.

¹⁰cf. Prieto, Luis J. La découverte du phonème, interpretation épistémologique. *La Pensée*, Paris, nº 148, déc. 1969.

(duas classes pelo menos), que vai constituir o que chamamos de sistema de categorização primária. Consideraremos, de início, duas classes complementares, em relação de exclusão, e cuja soma lógica corresponderá ao universo do discurso ao qual se refere.

Todos nós dispomos comumente de muitos sistemas de categorização primária, cujos universos de discurso podem guardar entre si uma variedade de relações lógicas: disjunção, inclusão etc. O importante a destacar é que um objeto pode fazer parte do universo de discurso de mais de um sistema de categorização primária e será conhecido de forma diversa de acordo com o sistema de categorização que iremos enfocar para considerá-lo.

O sistema de categorização secundária será composto pelas classes que se obtêm da interseção das classes dos sistemas de categorização primária. Não terá com as classes dos sistemas de categorização primária, nem a relação de interseção, porque já é produto da interseção de classes dos sistemas primários, nem a relação de inclusão como termo que inclui, pois não pode incluir nenhuma classe do sistema primário, uma vez que ele é resultante de operações com as primárias. O universo do discurso do sistema de categorização secundária é a soma lógica dos universos do discurso dos sistemas primários. Os traços distintivos do indivíduo são encontrados no sistema de categorização secundária numa classe desse sistema a qual pertence o indivíduo, classe essa que é o produto lógico de todas as classes pertencentes aos sistemas primários e das quais o indivíduo é membro. O produto obtido não significa que se esgotou o conhecimento do indivíduo, como se dominássemos a totalidade das suas características. É possível que o indivíduo seja suscetível de ser distinguido de outros que não foram considera-

dos nessa particular montagem do sistema de categorização secundária. Além disso, o indivíduo pode apresentar características que ainda somos incapazes de reconhecer. Não há identidades absolutas. Um indivíduo é suscetível de ser caracterizado por uma infinidade de distinções possíveis. O conhecimento de determinadas relações é o que o constitui; sua constituição, portanto, é relativa, depende das relações enfocadas. A grande busca da ciência é a do reconhecimento de relações qualitativas que podem criar oposições significativas e não de qualidades facultativas.

Exemplificando essa construção no domínio da Fonologia, demonstraremos que o sistema fonológico de uma língua é um sistema de categorização primária. O universo do discurso do sistema, é formado por todos os sons que podem ser pronunciados falando-se determinada língua. As classes que o compõem são os fonemas. Fonema é "todo som capaz de estabelecer distinção significativa entre duas palavras de uma língua, sem apresentar no entanto significação própria".¹¹ As classes do sistema são formados através da oposição, isto é, pelas qualidades diferenciais dos fonemas que vão constituir os elementos primários do sistema. Foram revelados por meio de recursos fornecidos pela Fonética. Ela mostrou a presença de características no som que, embora acessíveis aos sentidos humanos, sem o auxílio de aparelhos, mantiveram-se inconscientes para o homem que as ignorou sistematicamente. Não bastou esse auxílio da Fonética para a descoberta da pertinência do fonema. Ela derivou de outra visão do fenômeno, quando este deixou de ser meramente descritivo e constatativo, e passou a ser visto como função estrutural.

Vamos tomar como exemplo, para ana

¹¹Cunha, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1972. p. 42.

lisar os traços distintivos, os seguintes fonemas da língua portuguesa: /p/ - /b/, /k/ - /g/, /t/ - /d/. Exemplos típicos das palavras nas quais eles figuram em posição inicial são: pata - bata, cola - gola, tela - dela. Cada um desses fonemas é diferente de todos os outros. Basear-nos-emos para nossa construção na seguinte classificação fonêmica¹².

Consoantes	Oclusivas		Fricativas		Nasais	Líquidas
	Surdas	Sonoras	Surdas	Sonoras	Sonoras	Sonoras
Labiais	/p/	/b/	/f/	/v/	/m/	
Ântero-linguais	/t/	/d/	/s/	/z/	/n/	/l/ /r/
Póstero-linguais	/k/	/g/	/s ^v /	/z ^v /	/n _v /	/l _v / /r _v /

Podemos reconhecer sete traços fônicos distintivos para os seis fonemas consonânticos escolhidos: labial, ântero-lingual e póstero-lingual, surdo e sonoro, oclusivo e não oclusivo.

Dispomos, então, dos seguintes sistemas de categorização primária, tais como estão representados graficamente em:

1. o que distribui os fonemas em três classes, segundo a distinção derivada do ponto de ar

¹²Cunha, Celso Ferreira da, op. cit., p. 55.

articulação:

- classe dos fonemas labiais
- classe dos fonemas ântero-linguais
- classe dos fonemas pôstero-linguais

2. o que distribui estes mesmos fonemas, segundo a distinção derivada da presença da vibração das cordas vocais, em duas classes:

- classe dos fonemas sonoros
- classe dos fonemas surdos

3. o que distribui estes mesmos fonemas, segundo a distinção derivada do modo de articulação, em duas classes:

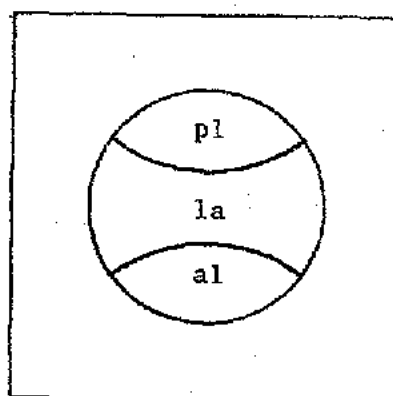
- classe dos fonemas oclusivos.
- classe dos fonemas não oclusivos

4. o que se refere à totalidade dos fonemas e que se compõe de duas classes:

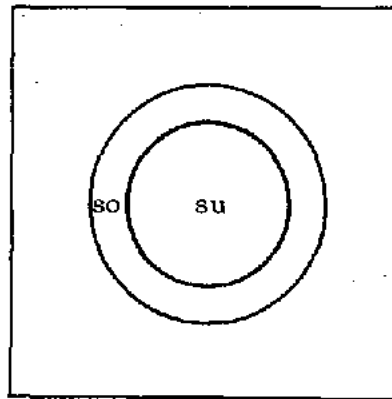
- classe dos fonemas consonânticos
- classe dos fonemas não consonânticos

Representação gráfica dos sistemas de categorização primária:

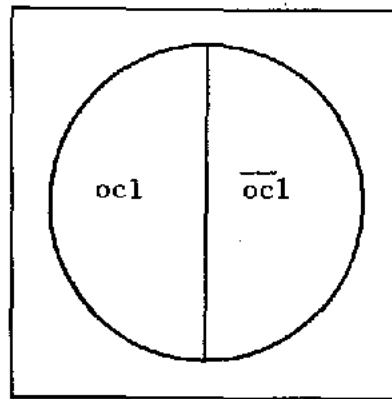
1) -



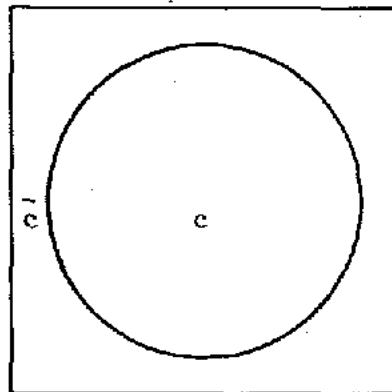
2) -



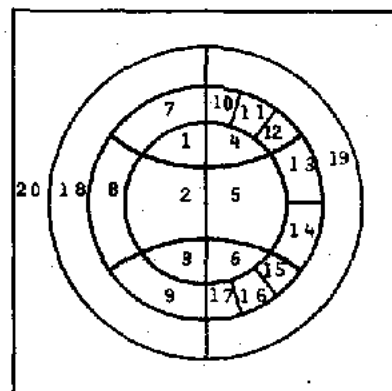
3) -



4) -



Representação gráfica do sistema de categorização secundária:



Em que:

1. é o produto lógico da classe das consoantes póstero - linguais, pela classe das consoantes sonoras e pela classe das consoantes oclusivas = g
2. é o produto lógico da classe das consoantes labiais, pela classe das consoantes sonoras e pela classe das consoantes oclusivas = b
3. é o produto lógico da classe das consoantes ântero - linguais, pela classe das consoantes sonoras e pela classe das consoantes oclusivas = d
7. é o produto lógico da classe das consoantes póstero - linguais, pela classe das consoantes surdas e pela classe das consoantes oclusivas = k
8. é o produto lógico da classe das consoantes labiais, pela classe das consoantes surdas e pela classe das consoantes oclusivas = p
9. é o produto lógico da classe das consoantes ântero - linguais, pela classe das consoantes surdas e pela classe das consoantes oclusivas = t

A estruturação lógica representada no quadro analisado independe da consciência do falante. Ela é uma estruturação lógica oculta para ele. O falante, no momento em que usa o quadro fonológico, na articulação das palavras e frases, não tem consciência das unidades que hierarquizam os fatos fônicos.

A investigação desse fenômeno da estruturação de uma lógica oculta pode atingir tal nível, que já se examina a sua projeção no plano dos universais,

conforme as palavras de Jakobson deixam entender:

"Un examen plus profond de la typologie des langues révèle non seulement des lois d'implication universelles ou quasi universelles qui sous-tendent la structure phonologique des langues, mais également de nombreux traits communs à toutes ou presque toutes les langues du monde, comme les oppositions vocalique / non vocalique, consonantique / non consonantique, compact / diffus (manifestée universellement dans le vocalisme au moins), grave / aigu (dans les consonantisme et /ou dans le vocalisme, presque universel dans le premier cas), et nasal/non nasal (presque universel dans le consonantisme); finalement, l'analyse comparative révèle des modèles universels de combinaisons phonologiques, comme les syllabes formées d'une voyelle précédée d'une consonne.

De plus, les bases strictement relativistes de l'analyse phonologique sous-tendent et supportent tous à la fois les études typologiques et l'extraction des universaux phonologiques".¹³

¹³Jakobson, Roman, op. cit. p. 162.

CAPÍTULO 3:
ANÁLISE DAS ESTRUTURAS DE PARENTESCO

Os trabalhos de Lévi-Strauss sobre as estruturas elementares de parentesco baseiam-se no modelo lingüístico. Em seu artigo, "A Análise Estrutural em Lingüística e em Antropologia"¹⁴, expõe os princípios e as condições de uma transposição do método fonológico aos estudos da sociologia primitiva. Apresenta os quatro procedimentos fundamentais do método fonológico tais como são encontrados em N. Trubetzkoy¹⁵: "a) na Fonologia dá-se a passagem do estudo dos fenômenos lingüísticos conscientes ao estudo de sua infraestrutura inconsciente; b) a realização de sua análise está baseada nas relações entre os termos e não sobre os termos como entidades independentes; c) introduz-se a noção de sistema; d) busca-se a descoberta de leis gerais quer encontradas por indução, "quer deduzidas logicamente, o que lhes dá um caráter absoluto".

Considera que, formalmente, a situação do lingüista fonólogo e do sociólogo que estuda os fenômenos de parentesco é a mesma. Os fonemas e os termos de parentesco são elementos de significação. Esta significação só é atingida se integramos seus elementos como termos que compõem sistemas. Os "sistemas de parentesco" e os "sistemas fonológicos" são elaborações inconscientes da atividade do espírito. As configurações observadas resultam do jogo de leis gerais ocultas.

Lévi-Strauss tenta, pois, a transposição formal do método seguido pela Fonologia para esclarecer as relações de parentesco.

¹⁴Lévi-Strauss, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967. p. 45 - 70.

¹⁵Trubetzkoy, N. *La phonologie actuelle*. *Psychologie du Langage*, Paris, 1933, p. 243.

Dentro da diversidade dos fatos de parentesco, o autor parte da proibição do incesto e destaca-o como um fenômeno de existência universal. Sua universalidade não é explicável em termos de fenômeno puramente natural, biológico, pois a natureza não prescreve, nem proíbe a aliança entre um homem e uma mulher. Para Lévi-Strauss a proibição do incesto é uma síntese muito especial de duas ordens distintas: a Natureza e a Cultura. Ele afirma que "où la règle se manifeste, nous, savons avec certitude être à l'étage de la culture. Symétriquement, il est aisé de reconnaître dans l'universel le caractère de la nature".

"Posons donc, que tout ce qui est, **universel**, chez l'homme, relève de l'ordre de la nature et se caractérise par la spontanéité, que tout ce qui est astreint à une norme appartient à la culture et présente les attributs du relatif et du particulier"¹⁶. Esse fato enquanto natural é universal, pois em todo grupo humano é sempre proibido algum tipo de casamento. A proibição é universal. Entretanto, as regras que regem a proibição nos diferentes grupos variam. Enquanto regra, o fato é cultural.

A proibição do incesto constitui para Lévi-Strauss "la démarche fondamentale grâce à laquelle, mais surtout en laquelle, s'accomplit le passage de la Nature à la Culture"¹⁷. Privilegia esse fenômeno como sendo o mais favorável à passagem de uma ordem à outra. Justifica seu ponto de vista ao destacar não só o caráter de universalidade do fenômeno, como o tipo de relações às quais sua regra se impõe, que são as relações de tipo se-

¹⁶ Lévi-Strauss, Claude. Les Structures de la parenté. Paris, Mouton, 1968. p. 10.

¹⁷ ————. p. 29.

xual. "Notons, cependant, que si la réglementation des rapports entre les sexes constitue un débordement de la culture au sein de la nature, d'une autre façon la vie sexuelle est, au sein de la nature, une amorce de la vie sociale: car, parmi tous les instincts, l'instinct sexuel est le seul qui, pour se définir, ait besoin de la stimulation d'autrui. ... il ne fournit pas un passage, lui-même naturel, entre la nature et la culture, ce qui serait inconcevable, mais il explique une des raisons pour lesquelles c'est sur le terrain de la vie sexuelle, de préférence à tout autre, que le passage entre les deux ordres peut et doit nécessairement s'opérer"¹⁰.

A proibição do incesto não se refere apenas aos aspectos proibitivos da relação, mas igualmente aos prescritivos. Quando se proíbe a união com mulheres próximas, isto implica em permitir a união com mulheres mais afastadas e, igualmente, permitir as mais próximas de se unirem aos homens mais afastados. Estabelece-se a comunicação entre os membros de um grupo tomando-se a mulher como objeto de troca.

Todas as vezes em que for possível identificar a categoria dos conjuntos permitidos com a categoria de parentesco, estes sistemas serão reconhecidos como estruturas elementares de parentesco. Os conjuntos de alianças permitidas se processam de forma regular, na medida em que as alianças futuras dependem das alianças passadas e, em cada sociedade, o conjunto dessas alianças obedece a uma regra interna. A aliança é uma regra de trocas recíprocas.

Analisaremos dois exemplos para melhor compreender essas estruturas: o sistema Karia e o sistema Tarau.

¹⁰ Lévi-Strauss, Claude, op. cit., p. 14.

O SISTEMA KARIERA -

Os Kariera vivem no oeste e no leste da Austrália. O seu sistema distribui os membros do grupo tribal em quatro secções: Banaka, Karimera, Burung e Palyeri. Estão unidas por uma relação de troca restrita, isto é, a troca que implica dois grupos ou um número de grupos múltiplos de dois. Banaka casa necessariamente com Burung, e Karimera com Palyeri. A reciprocidade joga entre dois grupos pares.

Regra de descendência:

- 1) Filhas de um homem Banaka e de uma mulher Burung são Palyeri.
- 2) Filhos de um homem Burung e de uma mulher Banaka são Karimera.
- 3) Filhos de um homem Palyeri e de uma mulher Karimera são Burung.
- 4) Filhos de um homem Karimera e de uma mulher Palyeri são Banaka.

Para simbolizar a regra, usaremos os seguintes símbolos:

Δ - indivíduo masculino

\circ - indivíduo feminino

$\Delta = \circ$ - enlace matrimonial

= - casamento autorizado entre dois indivíduos

\neq - casamento proibido entre dois indivíduos

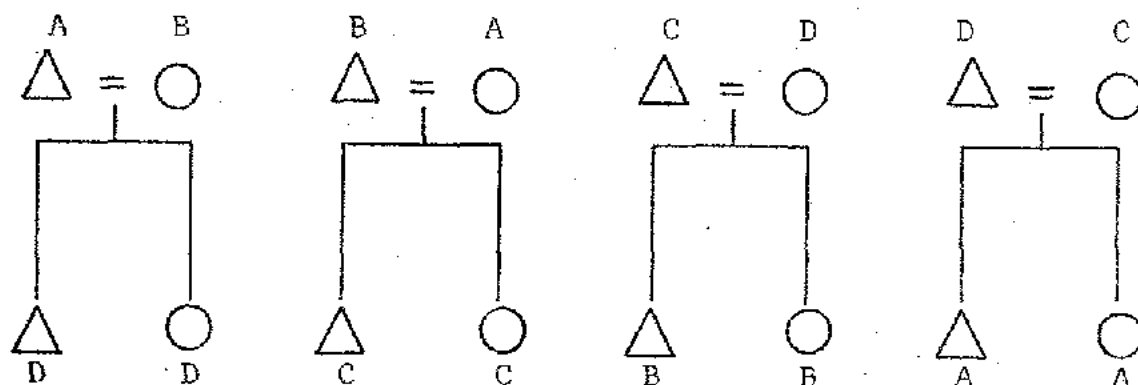
A - Banaka

B - Burung

C - Palyeri

D - Karimera

Regra de descendência:



Pode-se admitir três tipos de relações entre as secções:

- a - secção dos esposos - par
- b - secção dos pais e seus filhos - dupla
- c - secção das mães e seus filhos - ciclo

Há quatro pares possíveis:

$$A = B, \quad B = A, \quad C = D, \quad D = C$$

Há quatro duplas possíveis:

$$AD, \quad BC, \quad CB, \quad DA$$

Há quatro ciclos possíveis:

$$BD, \quad AC, \quad DB, \quad CA$$

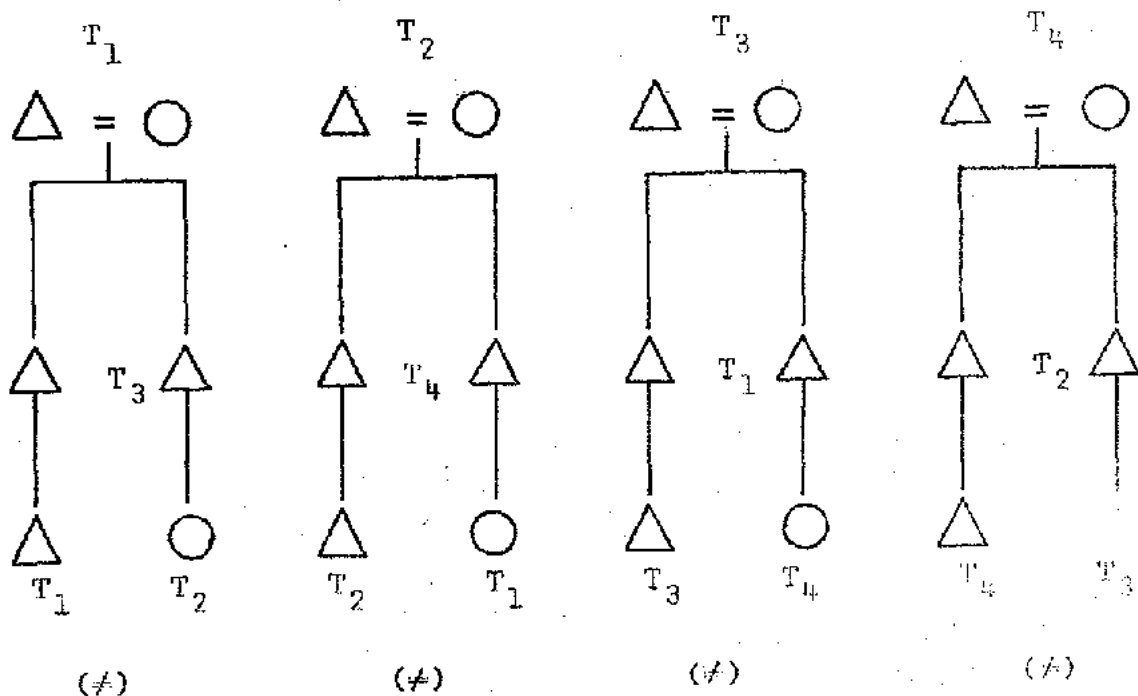
A interdição e a autorização do casamento vão depender diretamente do sexo e da classificação em tipos de casamento. Dois indivíduos ligados por uma relação de parentesco, só estarão autorizados a casar se forem do mesmo tipo de casamento. Se a interdição e a autorização fossem dependentes apenas da relação de parentesco, resultaria daí uma legislação complexíssima.

Na sociedade Kariëra, quatro tipos de casamento são definidos $A = B$, $B = A$, $C = D$, $D = C$, os quais designaremos por: T_1 , T_2 , T_3 , T_4 . Temos pois, no

seguinte quadro¹⁹, as regras de transmissão dos tipos de casamento.

Tipo de casamento dos pais	Tipo de casamento do filho	Tipo de casamento da filha
T ₁	T ₃	T ₄
T ₂	T ₄	T ₃
T ₃	T ₁	T ₂
T ₄	T ₂	T ₁

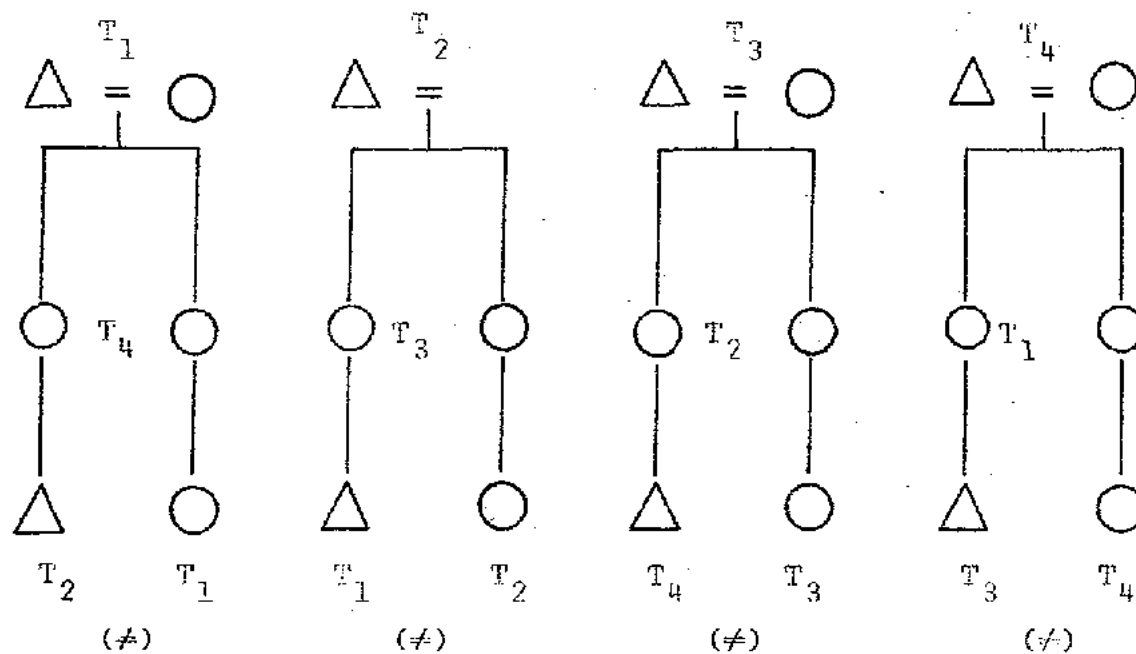
1) Suponhamos que se tenha um par de avós T₁. Seus filhos homens serão do tipo T₃. Mas o filho de um indivíduo do tipo T₃ é T₁ e a filha de um indivíduo do tipo T₃ é T₂. Resulta daí que um indivíduo não pode casar com a filha do irmão de seu pai.



¹⁹Boudon, Raymond. *A quoi sert la notion de "structure"?* [Paris] Gallimard |1968|. p. 131.

Em todos os quatro casos, um homem é sempre de um tipo de casamento diferente daquele da filha do irmão de seu pai. Assim, qualquer que seja o tipo dos avós, o casamento de um homem com a filha do irmão de seu pai é sempre interdito.

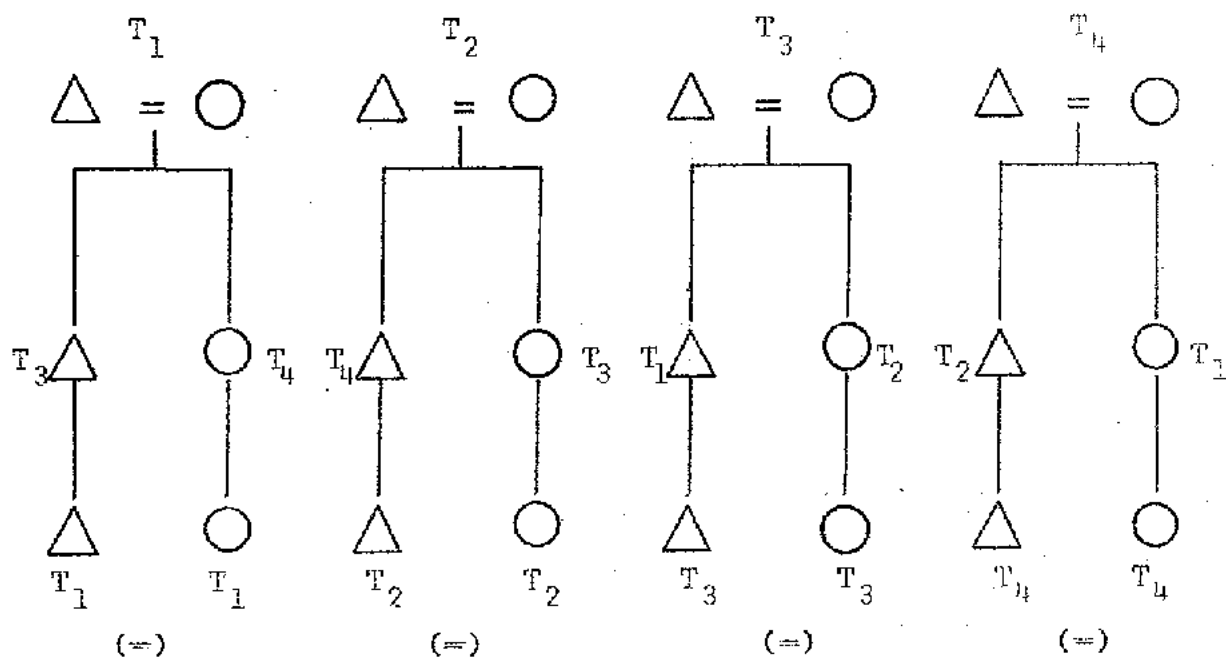
- 2) Suponhamos um par de avós T_1 . Suas filhas mulheres serão do tipo T_4 . O filho de um indivíduo de tipo T_4 é T_2 e a filha de um indivíduo de tipo T_4 é T_1 . Resulta igualmente proibido o casamento de um indivíduo com a filha da irmã de sua mãe.



Em todos os quatro casos, um homem é sempre de um tipo de casamento diferente daquele da filha da irmã de sua mãe. Assim, qualquer que seja o tipo dos avós, o casamento de um homem com a filha da irmã de sua mãe é sempre interdito.

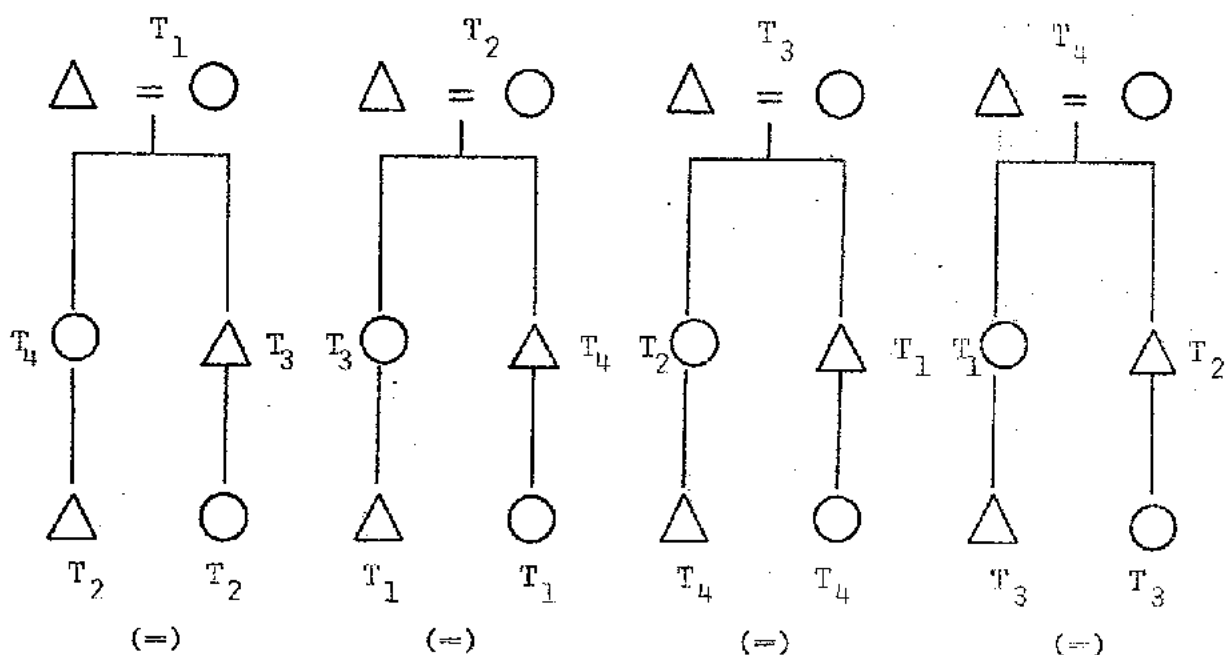
- 3) Suponhamos um par de avós T_1 . Seu filho homem é do tipo T_3 e sua filha mulher do tipo T_4 . O filho do indivíduo do tipo T_3 é T_1 e a filha do indivíduo do tipo

T_4 é T_1 . Resulta daí que o casamento de um indivíduo com a filha da irmã de seu pai é sempre autorizado.



Em todos os quatro casos, um homem é sempre do mesmo tipo de casamento da filha da irmã de seu pai. Assim, qualquer que seja o tipo dos avós, o casamento de um homem com a filha da irmã de seu pai é sempre autorizado.

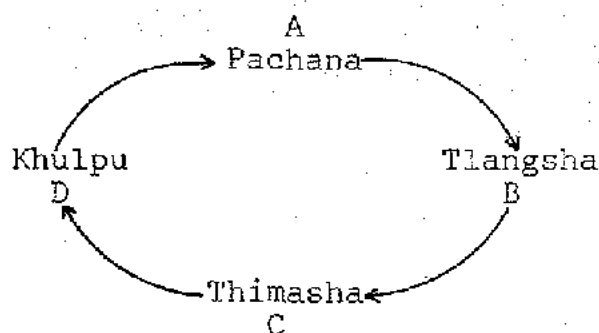
- 4) Suponhamos um par de avós T_1 . Sua filha mulher é do tipo T_4 e seu filho homem é do tipo T_3 . Mas o filho de um indivíduo do tipo T_4 é T_2 e a filha de um indivíduo do tipo T_3 é T_2 . Resulta daí que o casamento de um indivíduo com a filha do irmão de sua mãe é sempre autorizado.



Em todos os quatro casos, um homem é sempre do mesmo tipo de casamento da filha do irmão de sua mãe. Assim, qualquer que seja o tipo de avós, o casamento de um homem com a filha do irmão de sua mãe é sempre autorizado.

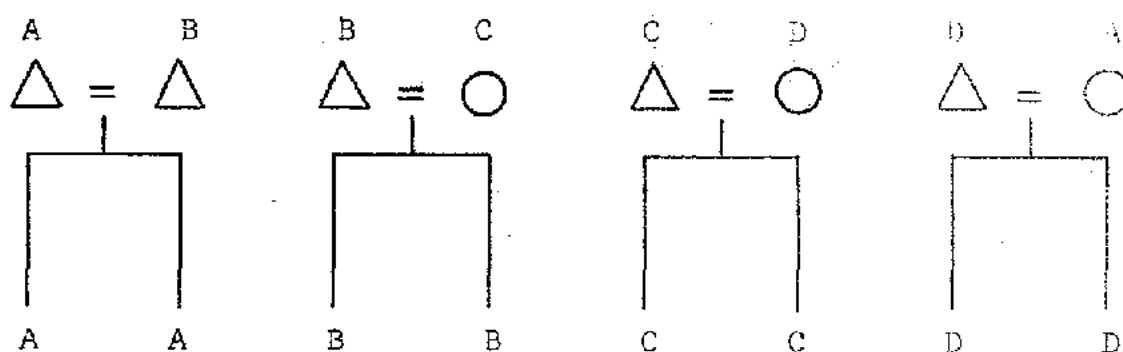
O SISTEMA TARAU -

Os Tarau de Manipur são originários da Birmânia. Eles se dividem em quatro linhagens unidas por uma relação de troca generalizada, isto é, a troca que implica em um número qualquer de pares. As linhagens são: Pachana, Tlangsha, Thimasha e Khulpu. Um Pachana esposa uma Tlangsha; um Tlangsha esposa uma Thimasha; um Thimasha esposa uma Khulpu; um Khulpu esposa uma Pachana. Se elas fossem em número de três, o homem C esposaria a mulher A, mas como são em número de quatro, será o homem D que esposará a mulher A. A estrutura é rotativa.



Regra de descendência:

- 1) Filhos de um homem Pachana e de uma mulher Tlangsha são Pachana.
- 2) Filhos de um homem Tlangsha e de uma mulher Thimasha são Tlangsha.
- 3) Filhos de um homem Thimasha e de uma mulher Khulpu são Thimasha.
- 4) Filhos de um homem Khulpu e de uma mulher Pachana são Khulpu.



Os pares, no sistema de troca generalizada, são unívocos e não recíprocos, como no sistema de troca restrita, em que a noção de par implica uma dupla relação matrimonial. Os pares unem somente os homens de uma das secções com as mulheres da outra secção. O sistema dos Tarau vai dispor, pois, de quatro pares unívocos ou orientados. São eles:

$$A = B, \quad B = C, \quad C = D, \quad D = A$$

Há quatro duplas possíveis:

AA, BB, CC, DD

Há quatro ciclos possíveis:

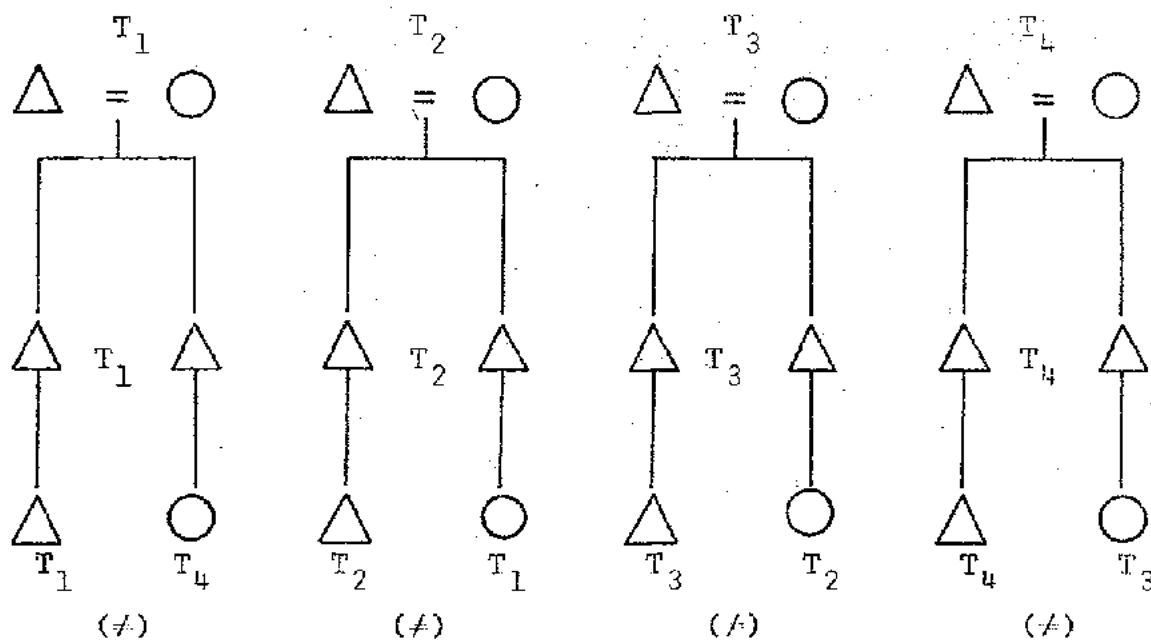
BA, CB, DC, AD

Na sociedade Tarau, quatro tipos de casamento são definidos: $A=B$, $B=C$, $C=D$, $D=A$, os quais designaremos por: T_1 , T_2 , T_3 , T_4 , respectivamente. Temos pois, no seguinte quadro^{2º}, as regras de transmissão dos tipos de casamento.

Tipo de casamento dos pais	Tipo de casamento do filho	Tipo de casamento da filha
T_1	T_1	T_4
T_2	T_2	T_1
T_3	T_3	T_2
T_4	T_4	T_3

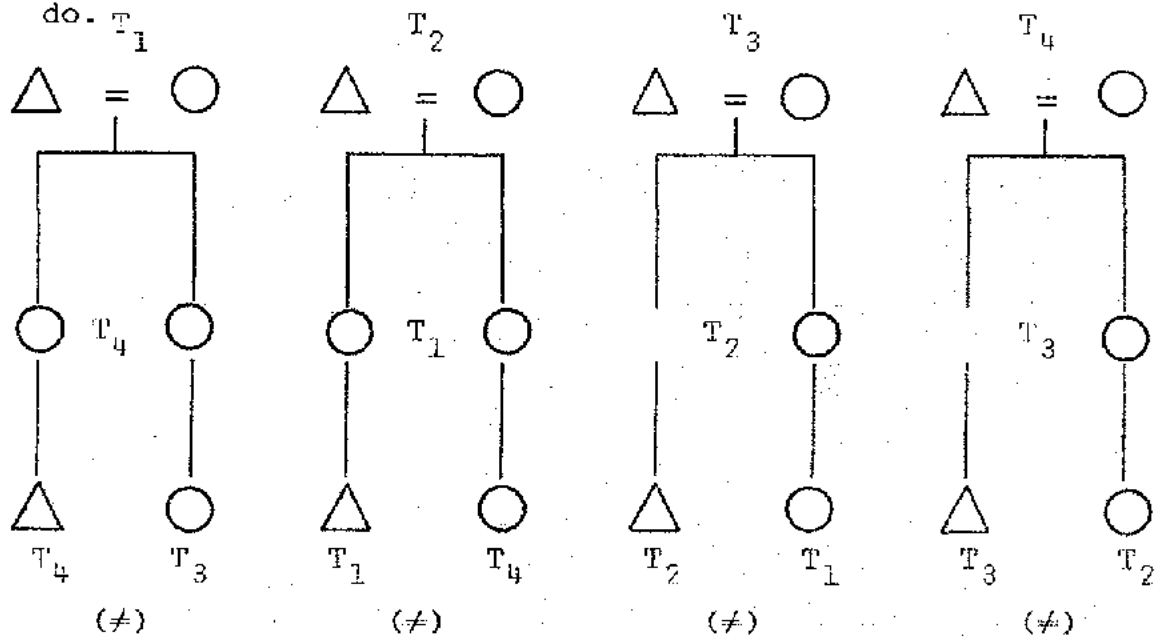
- 1) Suponhamos que se tenha um par de avós T_1 . Seus filhos homens serão do tipo T_1 . O filho de um indivíduo do tipo T_1 é T_1 e a filha de um indivíduo do tipo T_1 é T_4 . Resulta daí que o casamento de um indivíduo com a filha do irmão de seu pai é sempre interditado.

^{2º}Boudon, Raymond, op. cit. p. 135.



Em todos os quatro casos, um homem é sempre tido de um tipo de casamento diferente do da filha do irmão de seu pai. Assim, qualquer que seja o tipo dos avós, o casamento de um homem com a filha do irmão de seu pai é sempre interditado.

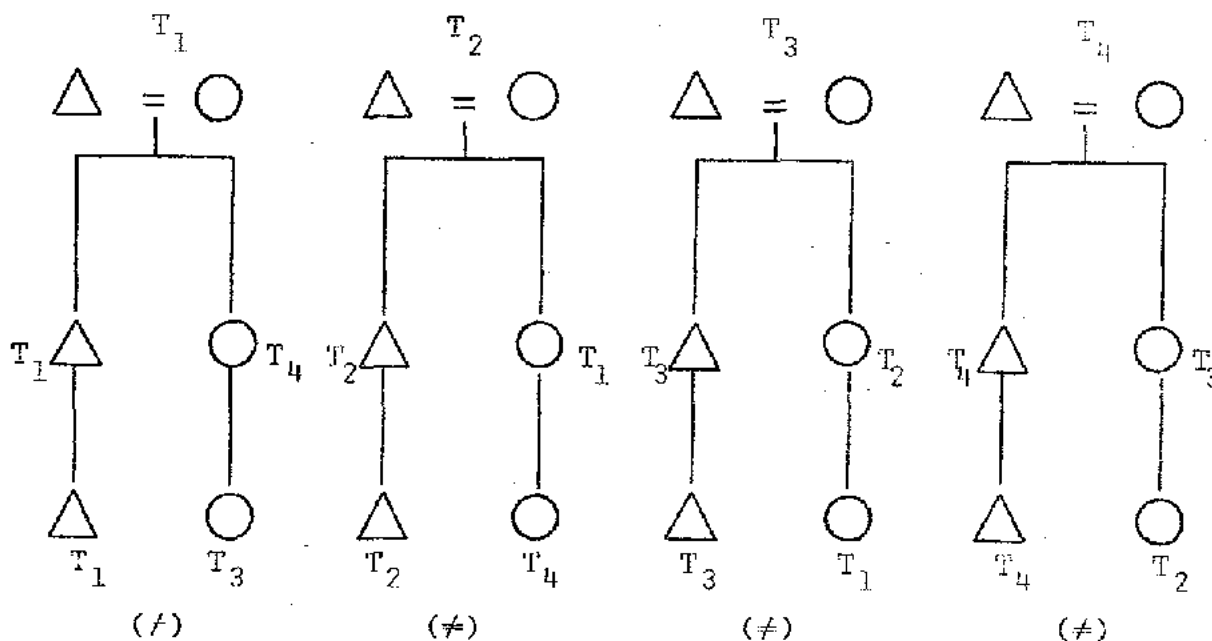
2) Suponhamos um par de avós T_1 . Suas filhas mulheres serão do tipo T_4 *. Resulta que o casamento de um indivíduo com a filha da irmã de sua mãe é sempre interditado.



* O filho de um indivíduo T_4 é T_4 e a filha de um indivíduo T_4 é T_3 .

Em todos os quatro casos, um homem é sempre de um tipo de casamento diferente do da filha da irmã de sua mãe. Assim, qualquer que seja o tipo dos avós, o casamento de um homem com a filha da irmã de sua mãe é sempre interditado.

- 3) Suponhamos um par de avós T_1 . Seu filho homem é do tipo T_1 . Sua filha mulher é do tipo T_4 . Mas o filho de um indivíduo de tipo T_4 é T_3 . Resulta daí que o casamento de um indivíduo com a filha da irmã de seu pai é sempre interditado.

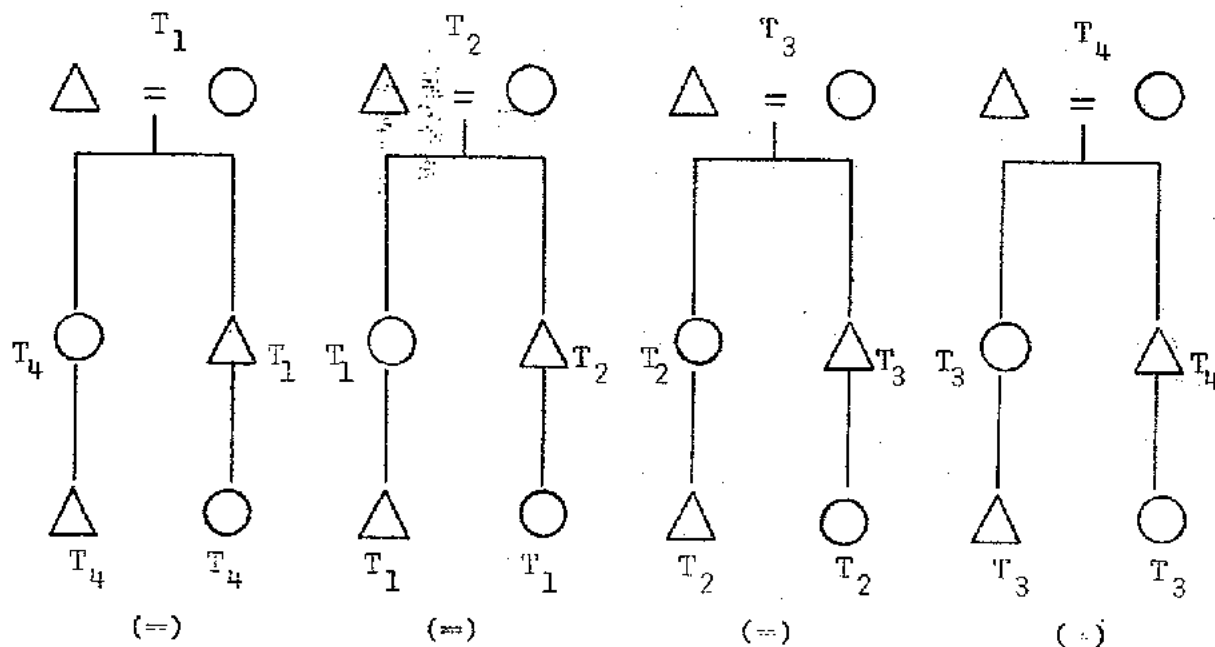


Em todos os quatro casos, um homem é sempre de um tipo de casamento diferente do da filha da irmã de seu pai. Assim, qualquer que seja o tipo de avós, o casamento de um homem com a filha da irmã de seu pai é sempre interditado.

- 4) Suponhamos um par de avós T_1 . Sua filha mulher é do tipo T_4 . Seu filho homem é do tipo T_1 . Mas o filho de um indivíduo T_4 é do tipo T_4 e a filha de um indivíduo T_1 é do tipo T_4 . Resulta daí que o casamento de um in-

* T_1 é T_1 e a filha de um indivíduo do tipo

divíduo com a filha do irmão de sua mãe é sempre autorizado.



Em todos os quatro casos, um homem é sempre do mesmo tipo de casamento da filha do irmão de sua mãe. Assim, qualquer que seja o tipo dos avós, o casamento de um homem com a filha do irmão de sua mãe é sempre autorizado.

Nos exemplos citados, das sociedades Kariëra e Tarau, vê-se que as regras de casamento tratam de forma distinta os primos paralelos e os primos cruzados. Em ambas, o casamento entre os primos paralelos é proibido, enquanto varia a regra relativamente aos primos cruzados.

É possível, no entanto, formular uma axiomática, que vá explicitar em linguagem adequada a estruturação de parentesco das duas sociedades e apresentar certo grau de generalidade. Dessa forma, aproximam-se conjuntos diferentes, integrando-os num sistema coerente de oposições e correlações, e objetiva-se sua estrutura numa axiomática.

A formulação dos axiomas é tomada por Raymond Boudon de Kemeny, Snell e Thompson²¹. São os seguintes:

- a) Cada membro de uma sociedade S pertence a um tipo de casamento.

Entre os Karimera, por exemplo, se o indivíduo é Palyeri pertence ao tipo de casamento T_1 , se é Karimera ao tipo T_2 , se é Burung ao tipo T_3 e se é Banaka ao tipo T_4 .

Entre os Tarau, se o indivíduo é Pachana pertence ao tipo de casamento T_1 , se é Tlangsha ao tipo T_2 , se é Thimasha ao tipo T_3 , se é Khulpu ao tipo T_4 .

- b) Dois indivíduos podem casar-se se e somente se eles pertencem ao mesmo tipo de casamento.

Só é autorizado o casamento entre os Karimera nos casos 3 e 4 (ver páginas 32 e 33), pois são os únicos casos em que os indivíduos são do mesmo tipo.

- c) O tipo de casamento de um indivíduo é determinado exclusivamente pelo sexo do indivíduo e pelo tipo de casamento de seus pais. Ver às páginas 30 e 35, onde se constata como o tipo de casamento é exclusivamente determinado por esses fatores.

- d) Dois filhos ou duas filhas cujos pais são de tipo diferente eles serão também de tipos diferentes.

²¹Kemeny, John G.; Snell, J. Laurie & Thompson, Gerald L. *Introduction to finite mathematics*. Englewood - Cliffs, N.Y., Prentice-Hall, 1956. Apud Boudon, op. cit. p. 128.

Verificar nos quadros às páginas 30 e 35, como o tipo de casamento dos filhos e filhas é diferente em função do tipo de casamento dos pais.

- e) A autorização e a interdição de casamento entre dois indivíduos de sexo diferente dependem somente da sua relação de parentesco.

Quando se define a relação de parentesco entre dois indivíduos de sexo oposto, ou estes indivíduos são sempre autorizados ou sempre proibidos de se casarem. Pelo axioma b, no entanto, a autorização ou a interdição do casamento resultam automaticamente da identidade ou da diferença dos tipos de casamento. Logo dois indivíduos ligados por uma relação de parentesco bem definida devem ser ou do mesmo tipo ou de tipo diferente de casamento. Não se encontra nenhuma situação em que para uma mesma relação de parentesco os indivíduos possam ser, simultaneamente, do mesmo tipo e de tipos diferentes de casamento. Por exemplo, para os Kariëra, qualquer que seja o tipo dos avós, o primo homem é sempre de tipo diferente da prima mulher, que é filha do irmão do pai de seu primo. Resulta daí a proibição. É, portanto, a classificação em tipos de casamento que simplifica grandemente a legislação do casamento.

- f) Nenhum homem pode esposar sua irmã.

O tipo de casamento da filha sendo em todos os casos diferente do tipo de casamento do filho, um homem pertence sempre a um tipo diferente do de sua irmã e não pode, em virtude do axioma b, esposá-la.

- g) É sempre possível certos descendentes de dois indivi-

duos se casarem.

Consideremos a regra 1 citada nas páginas 35 e 36 da sociedade Tarau. O casamento de um homem com a filha do irmão de seu pai é sempre interdito. O filho desse homem sendo ele T_1 é T_1 e seus descendentes serão sempre T_1 . A filha dessa mulher sendo T_4 será T_3 , a filha dessa mulher será T_2 e a filha da mulher T_2 será T_1 . Nessa geração, portanto, o homem e a mulher sendo de tipo T_1 , o casamento é autorizado. Vê-se, pois, que certos descendentes desses indivíduos podem casar-se, o que está de acordo com o axioma.

A generalidade dessa axiomática pode ser confirmada para um número maior de sociedades primitivas, uma vez que a observação etnográfica mostrou que as regras de casamento proibem, em geral, o casamento entre os primos paralelos, proibição essa que é derivada dos axiomas aqui apresentados como uma consequência geral e não como uma particularidade de um determinado grupo social.

A análise estrutural acima apresentada permitiu, ao comparar os sistemas, tornar inteligíveis aparências que, reduzidas ao empírico, teriam suas diferenças consideradas como pura alteridade e os conjuntos, nos quais estavam inseridas, vistos como isolados.

A explicação de Lévi-Strauss, da mesma forma que na análise fonológica estrutural, é produto de uma lógica de oposições e de correlações, isto é, de um sistema de diferenças concebido como ordem, ordem inconsciente, mas possível de ser tratada objetivamente, pois opera no nível estratégico do sensível. As regras de aliança são derivadas de certas características lógi-

cas, próprias à forma pela qual se realizam as trocas matrimoniais na realidade social. Sua estrutura não é dada no empírico, mas definida pelas operações que regem o sistema de trocas e que explicitam as transformações possíveis. Lévi-Strauss constrói um modelo teórico dos fatos sociais observados e vividos, através do qual torna explícita a própria estrutura social cujos termos serão as relações entre classes de parentesco e suas combinações, estrutura essa construída como objeto algébrico.

Seu modelo é considerado teórico, na medida em que o formal é, para ele, modelo em relação ao domínio empírico dado. Parte de um sistema hipotético-dedutivo baseado numa axiomática material, isto é, abstraída da experiência. Esses axiomas estabelecem relações entre classes de objetos e são acompanhados de um conteúdo intuitivo, que é a significação empírica das noções usadas. O conteúdo dessas noções, no entanto, não interfere nas demonstrações, pois a estrutura lógica do sistema vai depender apenas do nexu lógico que se estabelece entre os axiomas e as proposições derivadas. Não se trata pois, enquanto sistema hipotético - dedutivo, de uma estrutura aparente, porque não é descritiva do real. Por outro lado, nesse nível menor de abstração e generalização, não se trata ainda de uma teoria dedutiva formalizada. Para obter-se seu modelo lógico algebricamente formalizado, basta destituir as classes de objetos de seu conteúdo intuitivo, tratando-os apenas como variáveis lógicas e excluir, das relações entre as classes de objetos, todas as propriedades que não sejam as propriedades formais, para possibilitar sua formulação pela Lógica das Relações. O sistema de axiomas se transformará dessa forma numa rede de relações lógicas, caracterizada somente pela ordem que elas podem engendrar entre classes, que serão representadas por símbolos, e a rede de relações tecidas entre esses símbolos, que serão representadas por fórmu-

las. Acrescentando-se as regras de transformações, teremos um sistema ~~puramente~~ formalizado **relativamente aos seus princípios.**

Para atingir esse grau superior de abstração e generalização, é necessário que o sistema hipotético-dedutivo a partir do qual realizou-se a formalização, apresente uma estrutura bem construída do ponto de vista lógico. A possibilidade dessa organização lógica decorre, em última análise, do pensamento indígena tal como ordena o real, embora seja inconsciente dessa ordem, da mesma forma que o falante é inconsciente dos traços distintivos dos fonemas por ele usados. A lógica através da qual o pensamento indígena opera é idêntica à do civilizado. É a Lógica das Relações e das Classes. As regras de aliança de seu sistema constituem uma estrutura de rede. Os casamentos são regulados por meio de uma rede de relações de filiação, de aliança e de fraternidade, que prescreve ou proíbe a aliança entre os indivíduos segundo o grau de parentesco que existe entre eles. São igualmente regulados por uma Lógica das Classes, que torna possível ou impossível o casamento, de acordo com o conjunto determinado de parentesco ao qual pertence o indivíduo. A função da classe, como nos diz Lévi-Strauss, é a "d'operer un triage d'orientation pour la détermination du conjoint".²² Nem todos os membros do sistema de parentesco formam conjuntos possíveis. A função da classe dentro do sistema de parentesco é a de indicar quais os conjuntos possíveis, do ponto de vista das regras de casamento. Entre os possíveis indica, igualmente, os conjuntos preferidos, isto é, aqueles em que o tipo de aliança é valorizado, sem que a aliança dos outros conjuntos seja menos possível. No sistema Kariera, por exemplo, os primeiros parentes selecionados pelo método das classes constituem, ao mesmo tempo, os conjuntos preferidos segundo o método

²²Lévi-Strauss, Claude, op. cit. p. 185.

das relações.

Segundo Lévi-Strauss, o pensamento primitivo é um pensamento tão completamente e sistematicamente socializado como o nosso. Cada tipo de organização social representa uma escolha, que o grupo impõe e perpetua. As formas do pensamento vão se conformar à estrutura seletiva do grupo particular do qual elas procedem. No entanto, os esquemas mentais do adulto, embora diverjam segundo a cultura e a época as quais cada um pertence, todos são elaborados a partir de um "fundo universal"²³, infinitamente mais rico que aquele do qual dispõe cada sociedade particular. Esse "fundo universal", ao qual se refere Lévi-Strauss, identificamos à combinatória da Lógica Proposicional, cujas operações são puramente formais. Nesse nível é que encontramos o processo mental em toda a sua amplitude. Podem ser formulados todos os possíveis, que serão produto de uma combinatória, que incide não sobre o curso das coisas, mas sobre sua expressão. O próprio da Lógica Proposicional é ser uma Lógica Verbal. Através dela podemos caracterizar a estrutura cognitiva como uma sintaxe de transformações, transformações essas que fazem passar de uma variante à outra, explicitando-nos os limites das possibilidades teóricas. A Lógica Verbal é a lógica de todas as combinações possíveis do pensamento, quer as combinações surjam de problemas experimentais ou de questões puramente verbais. A combinatória incidindo sobre a expressão, pode reproduzir o real (o possível realizado, que no caso seria a estrutura seletiva do grupo referida por Lévi-Strauss) ou instaurar o real (o possível realizável, que poderá vir a se realizar).

²³ Lévi-Strauss, Claude, op. cit. p. 108.

CAPÍTULO 4
ANÁLISE DA ESTRUTURA DO INCONSCIENTE

Esta análise pretende indicar os limites definidos pelo conceito do inconsciente lacaniano, que aparece organizado em termos estruturais, com referência à superdeterminação do significante. Assim como Lévi-Strauss, Lacan também vai fazer uso do modelo linguístico no campo da Psicanálise.

Jacques Lacan, numa lógica mínima, a Lógica do Significante, vai determinar, por meio de uma linguagem formal, o sujeito do inconsciente e a estrutura-base do inconsciente ou, como também poderíamos chamá-la, a cadeia dos significantes. Essa lógica mínima é considerada, por Jacques-Alain Miller²⁴, como a lógica da origem da própria Lógica, que prescreve a sua jurisdição, mas permanece fora dela, na medida em que a inaugura.

A cadeia dos significantes é uma pura sintaxe: "La subjectivité à l'origine n'est d'aucun rapport au réel mais d'une syntaxe qu'y engendre la marque signifiante",²⁵ O significante não se define por nenhum dado sensorial específico. Para explicá-lo, Freud falou de traços mnêmicos, Lacan fala de estrutura. Esta estrutura não seria de nenhum dos dois tipos propostos por Daniel Lagache²⁶: não é nem uma estrutura aparente, descritiva do real, nem uma estrutura que interpreta um modelo teórico distante da experiência. Para Lacan, é um terceiro tipo de estrutura que constrói o uso formal do significante, uso esse que é inseparável de sua função natural, através da qual o significante vai expressar-se na estrutura de superfície. Como diz Lacan, a estrutura corres-

²⁴Miller, Jacques-Alain. La suture (éléments de la logique du signifiant) *Cahiers pour l'Analyse*, Paris (1/2): 40, jan./avr. 1966.

²⁵Lacan, Jacques. *Écrits*. Paris, Éditions du Seuil, (1966) p. 50.

²⁶_____. _____. p. 649.

ponde a les effets que la combinatoire pure et simple du signifiant détermine dans la réalité où elle se produit. Car le structuralisme est-il ou non ce qui nous permet de poser notre expérience comme le champ où ça parle²⁷? A estrutura não é distante da experiência, "puisqu'elle y opère non comme modèle théorique, mais comme la machine originale qui y met en scène le sujet"²⁸.

O valor dessa estrutura será reconhecido pela consciência de sua construção e pelos operadores psicanalíticos e seus efeitos na ordem dos sintomas que poderão ser dela deduzidos e são determinantes para o sujeito, tais como: a preclusão, a repressão, a denegação. Para Jacques Lacan, o que esses operadores produzem como efeitos segue fielmente o percurso do significante.

Vamos ~~indicar~~ **iniciar** o estudo dessa cadeia pelo tratamento lógico dado por Gottlob Frege²⁹ ao problema do número, do zero e do sucessor, e isto porque Lacan vai dar um tratamento lógico ao problema da relação do sujeito excluído à cadeia dos significantes, semelhante ao que Frege nos dá da relação do zero à seqüência dos números naturais.

Para melhor compreender a concepção lógica de Frege a respeito de número-conceito-objeto, é necessário explicitar o que é uma proposição, uma vez que, para ele o conceito é uma função de um só argumento. A Lógica Clássica reduzia toda proposição elementar à forma atributiva S e P, como se toda proposição pudesse sempre ser analisada em termos de afirmação ou negação da inerência de um atributo a uma substância. A insuficiência desse esquema diante da lógica das relações e da aná-

²⁷ ————. ————. p. 649.

²⁸ Lacan, Jacques, op. cit., p. 649.

²⁹ Frege, Gottlob. *Grundlagen der Arithmetik*. Breslau, 1884.

lise da proposição científica, levou Frege a construir uma estrutura mais geral, substituindo as noções de predicado e sujeito pelas noções matemáticas de função e argumento. Toda proposição seria uma função saturada de argumentos. A partir de toda proposição, podemos obter sempre sua estrutura formal ou sua forma proposicional, substituindo suas constantes empíricas por variáveis. Estas formas proposicionais não são nem verdadeiras, nem falsas, por causa do (s) lugar (es) vazio (s) que comporta (m). Do mesmo modo, o argumento não pertence propriamente à função, pois a função é basicamente incompleta. O argumento vem saturar a função. Logo que se satura uma função por determinados argumentos, isto é, se substituem na forma proposicional variáveis por constantes, obtêm-se proposições verdadeiras ou falsas, de acordo com os argumentos usados.

As funções matemáticas comportam 1, 2, 3, ..., n argumentos. Sua expressão $f(x, y, z, \dots)$ comporta um ou mais lugares vazios, que são os dos argumentos. Podemos exemplificar através das seguintes expressões: "— fuma" (1), "— é azul" (2), "— é maior que —" (3), "— deu à —" (4), "— bate em —" (5), etc, que corresponderiam respectivamente a uma função de um só argumento (1 e 2), de dois argumentos (3, 5), de três argumentos (4), etc. As funções podem pois ser monádicas, diádicas, triádicas, etc. As proposições atributivas ou de inerência são construídas com funções monádicas (2), as proposições de relações com funções poliádicas (3, 4), as frases verbais podem pertencer ao grupo das monádicas (1) ou das poliádicas (5).

As funções são fundamentalmente diferentes dos objetos. Os argumentos é que se referem aos objetos. Por exemplo, se temos a proposição atributiva "O lápis é azul", sua expressão será $f(x)$, onde x desig

na o lugar vazio do argumento e f o da função. O nome do objeto "lápis" faz o papel do argumento, que verifica a função "é azul".

O conceito sendo uma função monádica, de um só argumento, então a relação de conceito e objeto é a relação de função e argumento. O argumento não pertence à função, embora os dois juntos formem um todo. O conceito é essencialmente função e o objeto está referido ao argumento, que satura a função.

A partir desta distinção de conceito e objeto, Frege opera uma segunda, por meio da qual nos mostra que o número não se atribui ao objeto, mas ao conceito, é uma propriedade do conceito.

Frege, de acordo com sua teoria intensional de classes, considera o número como uma propriedade do conceito-classe e não da classe em extensão. O conceito classe é a classe vista como unidade, como um todo, tratada como uma entidade lógica singular. A classe em extensão é um agregado definido pela enumeração de seus termos.

O conceito - classe é identificado, por Frege, com a noção de campo, que ele concebe sem referência aos objetos. Se u é um campo, o número de u é o campo do conceito "campo idêntico a u ". Sobre os objetos não podem afirmar-se números, porque o mesmo conjunto de objetos pode ter diferentes números: por exemplo, um exército tem um certo número de regimentos e tem um outro número de soldados. O argumento mais decisivo dado por Frege, nesse sentido, é que o zero não pode aplicar-se aos objetos, mas somente aos conceitos. Dê-nos, como exemplo, a proposição: "Venus não possui nenhuma lua". Não se atribui "nenhuma" ao objeto lua, pois não existe este obje

to em relação a Venus. Zero, no entanto, é um número. Este número é atribuído não ao objeto, mas ao conceito "lua de Venus". O número, portanto, pertence ao conceito.

O conceito, sendo uma função saturada de argumentos, terá sempre um valor-de-verdade. A extensão de um conceito é o percurso dos valores que transformam a função em uma proposição verdadeira. Sua extensão não está nos indivíduos que possam ser enumerados, pois como se mostrou no exemplo acima, o conceito "lua de Venus" é uma classe vazia. Não haveria classes vazias se a classe fosse tomada como coleção de termos. Sua extensão está no grau da função cujo valor para cada argumento é um valor de verdade. No exemplo acima, zero enquanto número atribuído ao conceito "lua de Venus" é a extensão desse conceito. Zero é o único valor dado ao argumento, que transformará a função numa proposição verdadeira, portanto zero verifica a função. Ainda assim não fica resolvido o problema da definição do número zero como número individual, único. Qual a definição que caracterizaria o número zero, o um, o dois, etc?

Se considerarmos, por exemplo, as proposições:

"O número de polos da terra é 2".

"O número de olhos do homem é 2".

"O número de irmãos de Maria é 2".

- O que é o dois?

O "é" dessas proposições não é uma cópula, não expressa uma relação de inerência, como no exemplo que vimos "O lápis é azul". O "é" dessas proposições acima citadas é uma função de identidade ou igualdade. Usa-se o signo " = " e lê-se de vários modos: "é i-

dêntico a", "é igual a", "é o mesmo que", etc. A lógica da identidade tem como leis³⁰:

Lei I ou Lei de Leibniz: $x=y$, quando e somente quando, tudo o que se pode dizer sobre o objeto x pode dizer-se também sobre o objeto y .

Outra formulação da lei, igualmente correta: $x=y$ quando e somente quando toda função proposicional que fique satisfeita pelo objeto x , fique também pelo objeto y .

Essa lei é a proposição fundamental da chamada teoria da identidade e pode ser considerada como definição do signo "=".

Lei II ou Lei da Reflexividade: $x=x$, todo objeto é igual a si mesmo.

Lei III ou Lei da Simetria: se $x=y$, então $y=x$.

Lei IV ou Lei da Transitividade: se $x=y$ e $y=z$, então $x=z$.

Lei V: se $x=z$ e $y=z$, então $x=y$, dois objetos iguais a um terceiro são iguais entre si.

No caso dos exemplos acima citados, podemos afirmar, pela Lei de Leibniz, que "polos da terra", "olhos do homem" e irmãos de Maria" são todos valores que satisfazem a função de identidade igualmente como o número 2. Essa função de identidade teria como estrutura formal:

"O nº de u é o conceito identico a v ".

³⁰Tarski, Alfred. *Introduction to logic and to the methodology of deductive sciences*. New York, Oxford University Press, 1965. p. 55 - 57.

Frege define identidade no sentido de que existe uma relação R biunívoca tal que " x é um u " implica que existe um v com o qual x está em relação R " e vice-versa. Se temos " x é um u ", isto significa que x é de um conjunto de grau inferior ao conjunto ao qual pertence u . Logo x é uma classe (no exemplo acima seria "po_los da terra" ou "olhos do homem" ou "irmãos de Maria) e u seria classe de classes (é a classe das classes que tem o mesmo número). Isto só é possível, porque as classes (no seu sentido intensional) podem ser contadas como se cada uma fosse uma unidade. Desse modo, podemos falar de uma classe e das classes que são membros de uma classe de classes. Distinguem-se termos, classes, classe de classes, etc.

O número ■ é a extensão do conceito idêntico a todas as equivalências (todas as classes da classe u) determinadas pela relação de identidade.

Dessa forma, Frege relaciona o número a uma pura relação lógica. Esta relação permite ordenar biunivocamente os conceitos ou objetos, uma vez que a relação de identidade entre os conceitos ordena igualmente, segundo a mesma relação de identidade, os objetos que estão sob os conceitos. O número é atribuído ao conceito, que subsume os objetos.

Daí a definição de número dada por Frege: "O número que pertence ao conceito F é a extensão do conceito "idêntico ao conceito F "."

Falta explicar a progressão dos números naturais. Para isso, Frege vai definir o zero e o sucessor.

O zero, para ele, é definido pela contradição lógica, o que garante a não existência do ob-

objeto. O zero é o que "não é idêntico a si mesmo". O número zero é atribuído ao conceito que subsume a ausência, a exclusão do objeto. O zero subsume no real um vazio. Pela Lei II, segundo a qual toda entidade é igual a si mesma, podemos afirmar que o zero é idêntico a si mesmo, logo o zero enquanto atribuído ao conceito "não é idêntico a si mesmo" é idêntico ao que "não é idêntico a si mesmo". Como não é possível duplicar-se a negação e obter-se uma negação, pois a negação da negação é uma afirmação, então a estrutura da repetição será o processo de diferenciação do idêntico. Dá-se aí um salto do não idêntico para a identidade. Esse é o paradoxo do significante - o traço do idêntico representa o não idêntico.

A negação da negação vai resultar, pois, na passagem do zero ao um. Parte-se da não identidade para a identidade. O que "não é idêntico a si mesmo" sendo idêntico ao que "não é idêntico a si mesmo" — é, portanto, alguma coisa, é o objeto zero subsumido pelo conceito "igual a zero".

A partir da definição dada por Frege de sucessor: "Diz-se que um número segue imediatamente na seqüência um outro número, se este número é atribuído a um conceito sob o qual está um objeto (x), e que há um outro número (é o número que o primeiro número segue) tal que ele é atribuído ao conceito "estando sob o conceito precedente, mas não idêntico a (x)".

O conceito "igual a zero" subsume o objeto zero, logo: "1 segue 0, na medida em que 1 é atribuído ao conceito "igual a zero".

O que no real é ausência, vai ser contado como 1, na medida em que é referido ao conceito "igual a zero". Na ordem real, por exemplo, o conceito

"é igual a 2" subsume 2 objetos. Na ordem do número são os números que se contam e como há o zero e o zero conta por 1, então antes do 2 há dois números, portanto o nº 2 é o terceiro número. O número atribuído ao conceito "é igual a 2" é 3.

A contagem do zero como 1 é o suporte da seqüência dos números. A cadeia dos números é constituída pelo movimento do zero no sentido alternativo de exclusão e de representação.

Vamos agora analisar como a estrutura do sujeito do inconsciente é articulada de acordo com esse movimento, que liberta a ausência sob a forma de zero, para abolir essa ausência pela identidade do não idêntico sob a forma de 1 e integrá-la no sucessor. A identidade do sujeito parte igualmente da não identidade.

Lacan constrói sua estrutura³¹, a partir de uma série que joga com uma única alternativa fundamental: presença (+) ou ausência (-) de mãe, elementos dominantes da relação simbiótica.

Na diacronia dessa série, vai simbolizar grupos de 3 que se completam por um corte e que, do ponto de vista sincrônico, poderão ser definidos da seguinte maneira:

a) pela simetria da constância

+ + +

- - -

b) pela simetria da alternância

+ - +

- + -

c) pela dissimetria revelada pelo

³¹Lacan, Jacques. Introduction. In: ———. *Écrits*. Paris. Éditions du Seuil. [1966] . p. 44 - 54.

ímpar, sob a forma de um grupo de 2 signos semelhantes in diferentemente precedidos ou seguidos do signo oposto

+ - -
 - + +
 - - +
 + + -

Estes grupos de três signos serão simbolizados na série pelas notações:

- a) (1)
- b) (3)
- c) (2)

Estes grupos são os conceitos primitivos da construção de sua estrutura.

Nem todas as sucessões desses signos são possíveis, como por exemplo:

De qualquer grupo (1) é impossível fazer seguir um grupo (3):

+ + + + (1)
 - (2)

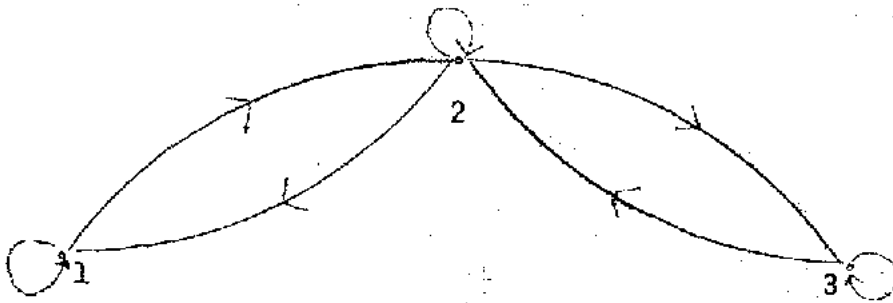
De um grupo (3) é impossível fazer seguir um grupo (1):

+ - + + (2)
 - (3)

A sucessão só é possível de (1) para (2), de (2) para (1), de (2) para (3) ou de (3) para (2).

A nova série constituída por estes grupos de 3, mostra-nos as possibilidades e as impossibilidades de sucessão, que vão ser resumidas na seguinte rede:

Rede 1 - 3



Esta rede expressa a simetria concêntrica de que é dotada a tríada (1), (2), (3).

Neste nível de composição, Lacan nos mostra que o mecanismo de repetição, que realiza a simbolização primordial, já atende a uma lei que se liga à memória.

Essa lei, que analisaremos no exemplo da rede 1 - 3, é a seguinte:

Dada a série dos símbolos (1), (2), (3), por mais que se prolongue a sucessão uniforme de (2), que começou depois de (1),

(2)	(2)	(2)	(2)
+	+	+	-
-	-	+	+
-	-	+	+
(1)	(2)	(2)	(2)

a série se "recordará" do lugar parou ímpar de cada um desses (2), porque deste lugar é que depende que esta sequência possa se romper por um (1) depois de um nº par de (2),

(2)	(1)
+	+
+	-
-	-
(1)	(2)

ou por um (3) depois de um número ímpar de (2)

$$\begin{array}{cccc}
 (2) & (2) & & \\
 + & + & - & - & + & - \\
 (1) & (2) & (3) & & &
 \end{array}$$

Logo, um número par de (2) só pode ser rompido por um (1) e um número ímpar de (2) só pode ser rompido por um (3).

Lacan vai recombina os elementos dessa sintaxe, saltando um termo da tríada, para aplicar ao par resultante uma relação quadrática. A partir de uma relação binária, obtém duas binárias, que chama de quadrática. Com isto restaura a igualdade de possibilidades combinatórias, que não se dava na primeira composição, (rede 1 - 3) uma vez que a classificação fazia equivaler as possibilidades de (1) e (3) com as do símbolo (2). (1) podia ser sucedido por (2), ou (3) podia ser sucedido por (2), mas (1) não podia ser sucedido por (3). Lacan vai redefinir os grupos para obter eventos da mesma probabilidade:

- *Definição dos pares:*

Há dois tipos de conjugações diretas:

a) Admitindo-se que o par (1) e (3), no terno [(1) (2) (3)], tenha seus símbolos conjugados em termos de uma *simetria com uma simetria*, obtemos os pares: [(1) - (1)] [(3) - (3)] [(1) - (3)] [(3) - (1)] - que terão como notação α .

b) Conjugando os símbolos em termos de uma *dis simetria com uma dis simetria*, obtemos o par: [(2) - (2)] - que terá como notação γ .

Há dois tipos de conjugações cruzadas:

c) Conjugando os símbolos em termos de uma *simetria com uma dissemtria*, obtemos os pares:

[(1) - (2)] [(3) - (2)] - que terão como notação β .

d) Conjugando os símbolos em termos de uma *dissemetria com uma simetria*, obtemos os pares:

[(2) - (1)] [(2) - (3)] - que terão como notação δ .

A definição dos pares restaura a igualdade de possibilidades combinatórias entre os 4 símbolos α , β , γ , δ , o que não se verificava na composição precedente.

Pela nova sintaxe vai-se explicitar como se gera a determinação simbólica e qual a natureza do significante.

Essa nova sintaxe, que rege a sucessão dos α , β , γ , δ , determina as possibilidades de uma nova partição absolutamente dissimétrica na aparição dos símbolos α e γ de um lado, e β e δ de outro.

Admitindo-se que qualquer um dos termos α , β , γ , δ pode suceder imediatamente a não importa que outros, e pode igualmente ser atingido o 4º tempo* contado a partir de qualquer um deles, verifica-se que o 3º tempo constituinte do par está submetido a uma lei de exclusão que afirma:

1a. sentença - A partir de um α ou de um δ só se pode obter um α ou um β .

2a. sentença - A partir de um β ou de um γ só se pode obter um γ ou um δ .

*Tempo: é a passagem de um acontecimento a outro.

Notação:

$$\text{Partição AA} : \frac{\alpha, \delta}{\gamma, \beta}, \alpha, \beta, \gamma, \delta \rightarrow \frac{\alpha, \beta}{\gamma, \delta}$$

1º tempo 2º tempo 3º tempo

Os símbolos compatíveis do 1º e 3º tempos, de acordo com a 1a. sentença vão ter a seguinte correspondência: $\alpha, \delta \rightarrow \alpha, \beta$ e estão representados a cima da linha horizontal; de acordo com a 2a. sentença a correspondência será de: $\gamma, \beta \rightarrow \gamma, \delta$, representados a baixo da linha horizontal. A escolha dos símbolos do 2º tempo é indiferente, representa a coleção.

- Lei da exclusão:

Ia. Proposição: A partir de um α ou de δ só se pode obter um α ou um β .

São α as seguintes conjugações:

$$\begin{aligned} & [(1) - (1)] \\ & [(3) - (3)] \\ & [(1) - (3)] \\ & [(3) - (1)] \end{aligned}$$

São β as seguintes conjugações:

$$\begin{aligned} & [(1) - (2)] \\ & [(3) - (2)] \end{aligned}$$

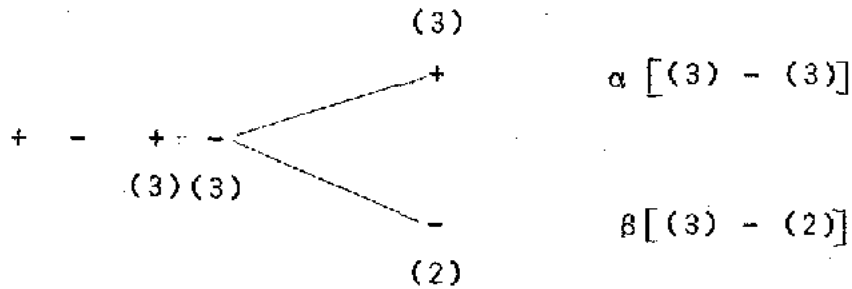
a) Tomemos como exemplo de α a conjugação

$$[(1) - (1)]$$

$$\begin{array}{ccc} & & (1) \\ & & + \\ + & + & + & + \\ & & (1)(1) & \\ & & & (2) \end{array} \quad \begin{array}{l} \alpha [(1) - (1)] \\ \\ \beta [(1) + (2)] \end{array}$$

A partir, portanto, da conjugação $\alpha [(1) - (1)]$ obtem-se novamente um $\alpha [(1) - (1)]$ ou obtem-se um $\beta [(1) - (2)]$.

b) Tomemos como exemplo de α a conjugação $[(3) - (3)]$

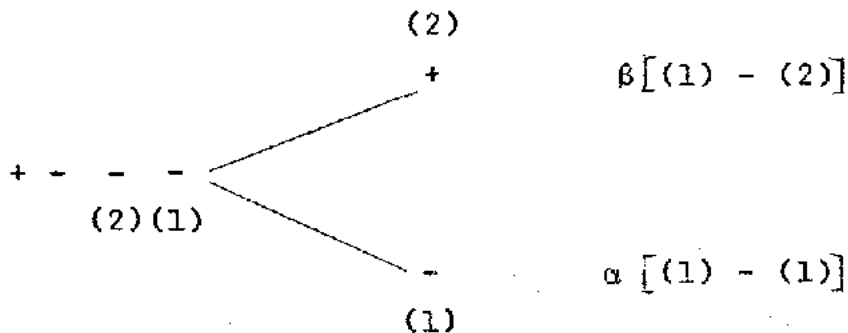


A partir, portanto, da conjugação $\alpha [(3) - (3)]$ obtem-se novamente um $\alpha [(3) - (3)]$ ou obtem-se um $\beta [(3) - (2)]$.

São δ as seguintes conjugações:

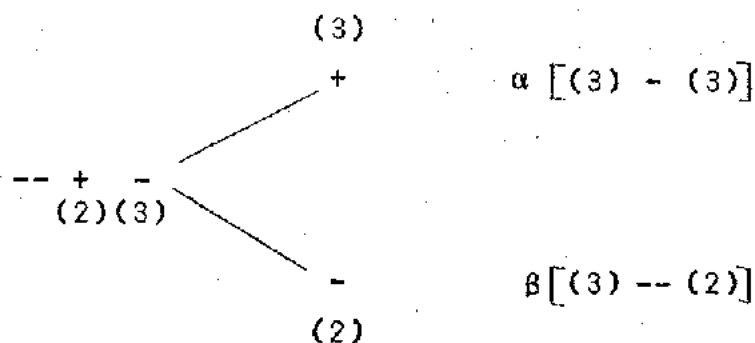
$$\begin{array}{l}
 [(2) - (1)] \\
 [(2) - (3)]
 \end{array}$$

c) Tomemos como exemplo de δ a conjugação $[(2) - (1)]$



A partir, portanto, da conjugação $\delta [(2) - (1)]$ obtem-se um $\beta [(1) - (2)]$ ou um $\alpha [(1) - (1)]$.

d) Tomemos como exemplo de δ a conjugação $[(2) - (3)]$



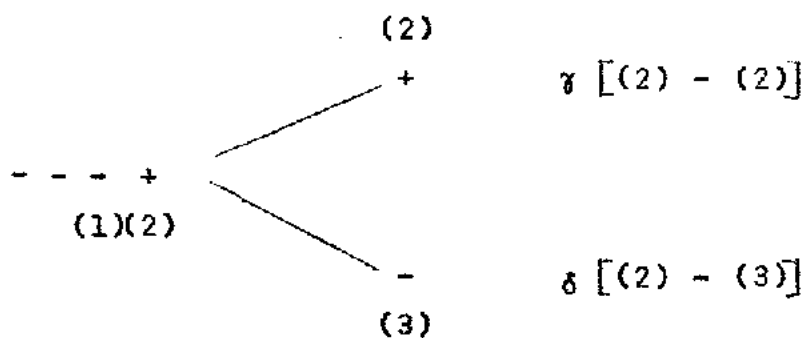
A partir, portanto, da conjugação $\delta [(2) - (3)]$ obtem-se um $\alpha [(3) - (3)]$ ou um $\beta [(3) - (2)]$.

Lei da exclusão:

2a. *Proposição:* A partir de um β ou de um γ so se pode obter um γ ou um δ .

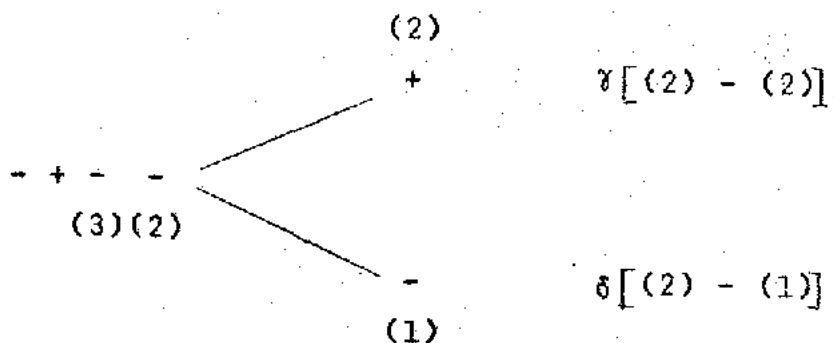
É γ a seguinte conjugação: $[(2) - (2)]$

e) Tomemos como exemplo de β a conjugação $[(1) - (2)]$



A partir, portanto, da conjugação $\beta [(1) - (2)]$ obtem-se um $\gamma [(2) - (2)]$ ou um $\delta [(2) - (3)]$.

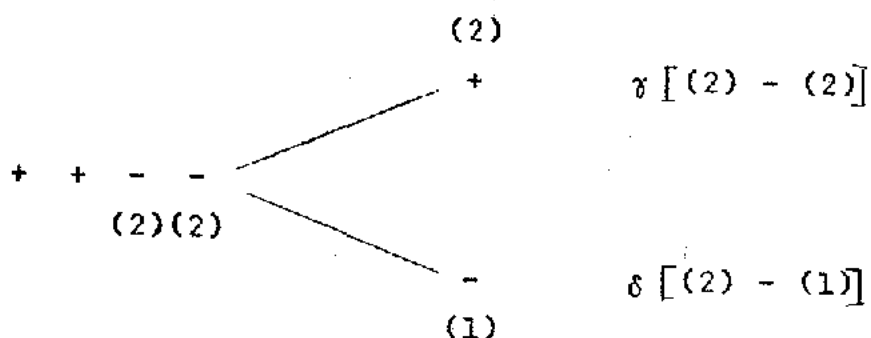
f) Tomemos como exemplo de β a conjugação $[(3) - (2)]$



A partir, portanto, da conjugação $\beta[(3) - (2)]$ obtem-se um $\gamma[(2) - (2)]$ ou um $\delta[(2) - (1)]$.

g) Tomemos o exemplo da conjugação

$\gamma[(2) - (2)]$



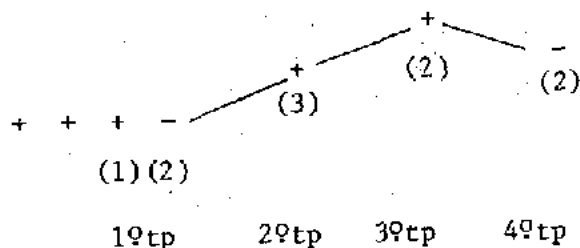
A partir, portanto, da conjugação $\gamma[(2) - (2)]$ obtem-se novamente um $\gamma[(2) - (2)]$ ou obtem-se um $\delta[(2) - (1)]$.

Considerando-se a orientação da série, observa-se que em termos da ligação ela não é reversível, mas é retroativa.

Não é reversível, na medida em que dos dois últimos termos de um grupo não se obterá, necessariamente, um grupo posterior de três termos constituído pelos mesmos termos do grupo anterior.

É retroativa, na medida em que os dois últimos termos constituintes de um grupo de três ter

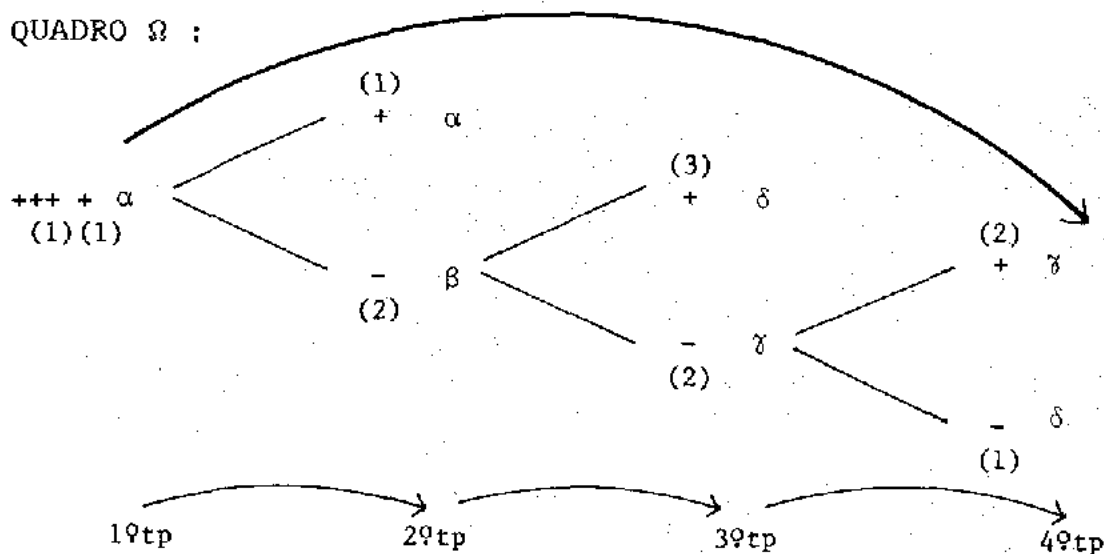
mos serão os dois primeiros de um segundo grupo, assim como o último termo será o primeiro de um terceiro grupo e assim por diante. Daí poderemos afirmar que ao se fixar o termo do 4º tempo, o do 2º tempo não lhe será indiferente porque o último termo do 2º tempo vai ser o primeiro termo do 4º tempo.



Proposição:

É possível demonstrar que, ao fixar o 1º e o 4º termos de uma série, haverá sempre uma letra cuja possibilidade será excluída dos dois termos intermediários e que há duas letras das quais uma será sempre excluída do 1º termo intermediário e a outra do 2º termo intermediário. As letras serão distribuídas em dois quadros Ω e Θ

QUADRO Ω :



O quadro Ω é formado por duas séries de 4 tempos, o último tempo da 1a. série sendo o primeiro da 2a. série, iniciados respectivamente por α e γ .

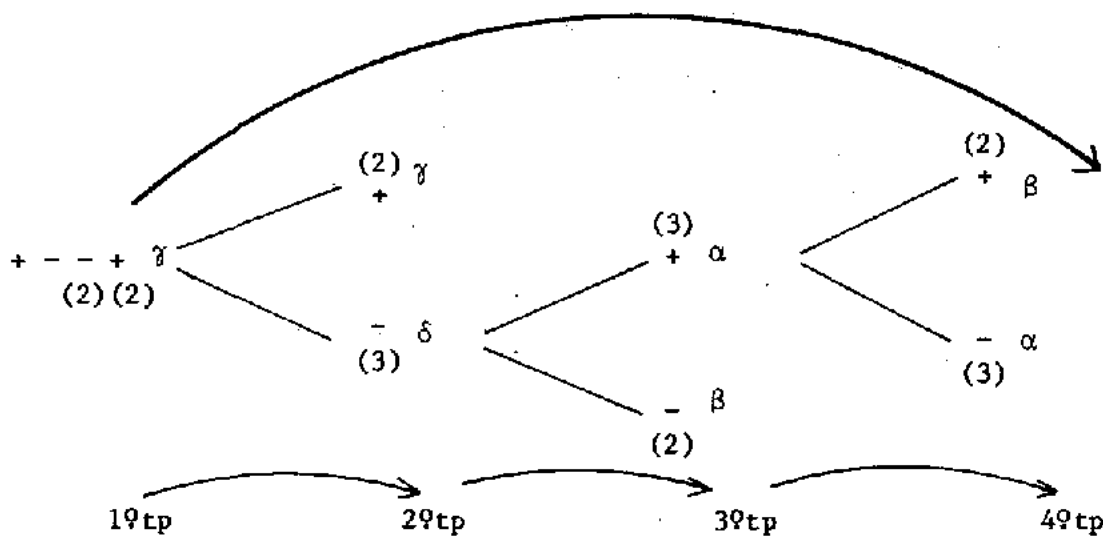
Na série anterior, partindo-se de α no 1º tempo, temos no 2º tempo um caso de alternância, uma vez que a partir de α pode-se obter ou um outro α ou um β . As conjugações possíveis de α e de γ formam os pares: [(1) - (1)], [(3) - (3)], [(1) - (3)], [(3) - (1)] para α e [(2) - (2)] para γ . Esses pares correspondem a dois tipos de conjugações diretas, pois os quatro primeiros pares obtêm-se numa conjugação de simetria à simetria, e o outro par numa conjugação de dissimetria à dissimetria. O agrupamento e a ordem das exclusões ficarão subordinados neste quadro Ω ao modo direto da conjugação dos símbolos. Dessa forma, a letra excluída do 1º termo intermediário será α , pois a conjugação de α (1º tempo) com α (2º tempo) tem seus símbolos combinados de modo direto: uma simetria com uma simetria [(1) - (1)]. Ao se excluir α , exclui-se a possibilidade da repetição desse termo, que poderia cobrir a cadeia inteira (vide anexo). Isto não seria viável em termos da função natural do significante, pois seria admitir a possibilidade da eterna presença de mãe, embora fosse possível em termos de seu uso formal. A passagem de β (2º tempo) para γ (3º tempo) é uma conjugação de ordem direta, que conjuga uma dissimetria com uma dissimetria [(2) - (2)]. A letra excluída do 2º termo intermediário será γ . Nesse 3º tempo, que é o tempo constituinte do par, temos o caso do tempo silencioso ou caput mortuum do significante, pela aplicação da lei de exclusão, que afirma que, no 3º tempo constituinte do par, só se pode obter a partir de um α ou um outro α ou um β .

Para suspender o caput mortuum do significante, isto é para suspender o significante de sua ausên-

cia, Lacan nos afirma que basta obrigá-lo a repetir seu ~~contorno~~ ~~contorno~~. Neste caso, a conjugação se fará entre γ (3º tempo) e γ (4º tempo), mantida a ordem direta, de uma dissimetria e uma dissemetria [(2) - (2)].

Analisando o quadro Ω , em relação a sua 1ª série de 4 tempos, concluímos que a letra δ é a excluída dos dois termos intermediários, que a letra α é a excluída do 1º termo intermediário (no 2º tempo) e a letra γ é a excluída do 2º termo intermediário (no 3º tempo). Logo, as letras excluídas α e γ dos termos intermediários, ao reproduzirem a ordem dos extremos α e γ , guardam entre si uma ordem direta.

Prosseguindo-se na construção do quadro Ω até o 4º tempo de sua 2ª série, tem-se:



Partindo-se de γ no 1º tempo, temos no 2º tempo um caso de alternância, uma vez que se pode obter ou outro γ ou um δ . A letra excluída do 1º termo intermediário será γ , pois a conjugação de γ (1º tempo) com γ (2º tempo) tem seus símbolos combinados de modo direto: uma dissimetria com uma dissimetria [(2)-(2)]. O termo γ , igualmente como α , pode repetir-se separadamente até sobrir a cadeia inteira (vide anexo), o que já vimos que só se daria por um acaso muito feliz, mas de

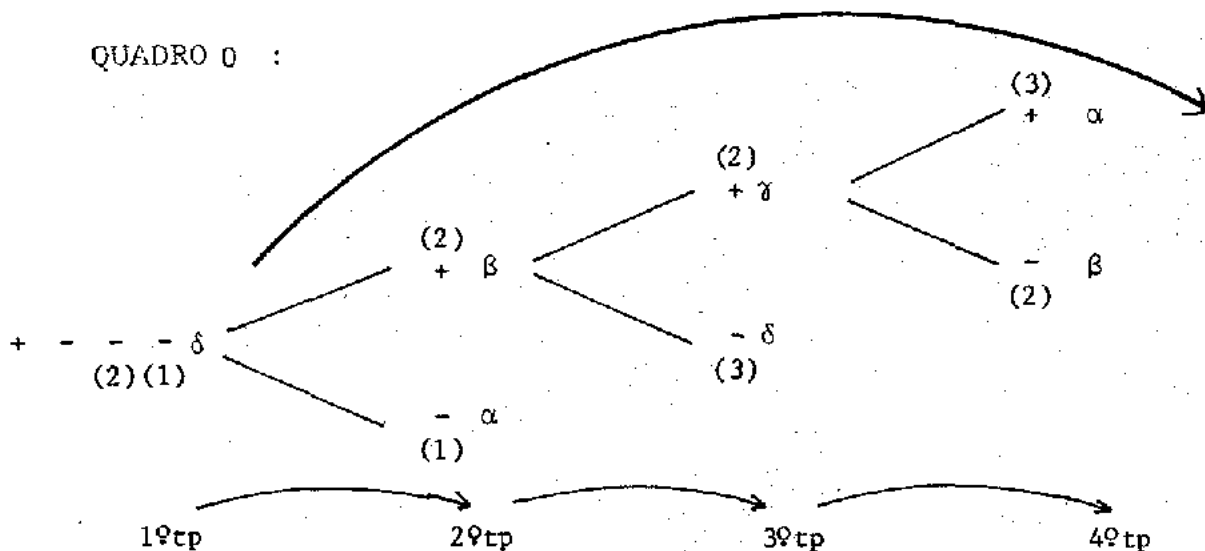
realização praticamente impossível, pois estaríamos admitindo a presença eterna de mãe. Ao se excluir γ , exclui-se a possibilidade desse tipo de repetição.

No 3º tempo, temos o caso do tempo silencioso ou caput mortuum do significante, pois é o tempo constituinte do par, que está submetido, pela lei da exclusão à seguinte condição: a partir de γ só se pode obter um γ ou δ . A passagem de δ (2º tempo) para α (3º tempo) é uma conjugação de ordem direta, pois conjugua uma simetria com uma simetria [(3) - (3)]. A letra excluída do 2º termo intermediário será α -

Para suspender o caput mortuum do significante, basta fazer o significante repetir seu contorno. Ressurgirá de sua ausência através de α (no 4º tempo), estabelecendo-se a conjugação direta de uma simetria a uma simetria [(3) - (3)].

Analisando o quadro Ω , na sua 2ª série de 4 tempos, conclui-se que a letra β é a que a combinação exclui dos dois tempos de seu intervalo, a letra γ é a excluída do 2º tempo e a letra α é a excluída do 3º tempo. Logo, as letras excluídas γ e α dos termos intermediários, ao reproduzirem a ordem dos extremos γ e α , guardam entre si uma ordem direta.

QUADRO 0 :



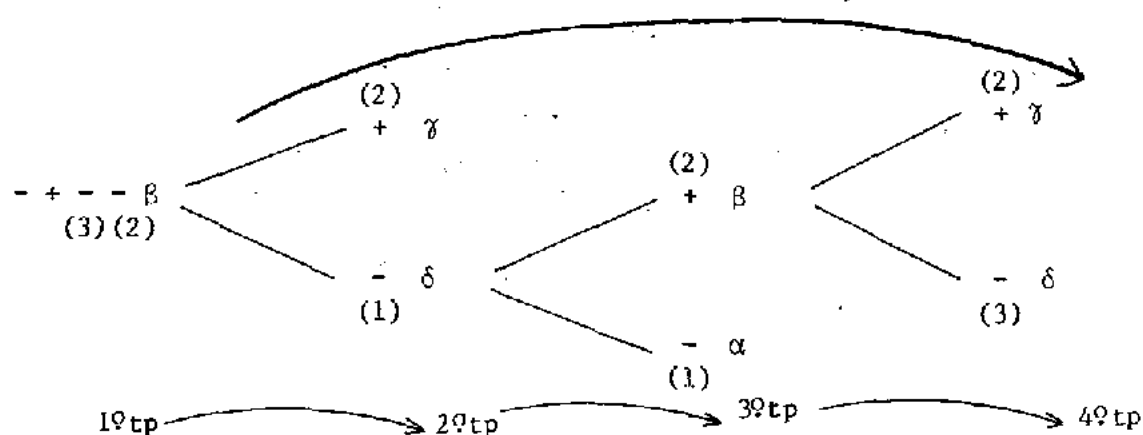
O quadro 0 é formado por duas séries de quatro tempos, o último tempo da 1a. série sendo o primeiro da 2a. série, iniciadas respectivamente por δ e β .

Na série anterior, partindo-se no 1º tempo de δ , tem-se no 2º tempo um caso de alternância, uma vez que se pode obter ~~a~~ a partir de δ ou um α ou um β . As conjugações possíveis de δ e β formam os pares: [(2) - (1)] e [(2) - (3)] para δ , [(1) - (2)] e [(3) - (2)] para β . Esses pares correspondem a dois tipos de conjugações cruzadas, pois os dois primeiros pares obtêm-se conjugando-se os símbolos em termos de dissimetria à simetria e os dois outros numa conjugação de simetria à dissimetria. Daí vai decorrer um contraste estrutural entre os quadros Ω e 0. O agrupamento e a ordem das exclusões ficam subordinados ao modo cruzado de conjugação dos símbolos. Dessa forma, a letra excluída do 1º termo intermediário será β , pois a passagem de δ (1º tempo) para β (2º tempo) tem seus símbolos conjugados em termos de uma simetria com uma dissimetria [(1) - (2)]: No 3º tempo, tempo constituinte do par, temos o caso do tempo silencioso ou caput mortuum do significante, pela aplicação da lei de exclusão. Essa lei afirma que a partir de um δ só se pode obter ou um α ou um β . De β (2º tempo) para δ (3º tempo), letra excluída do 2º termo intermediário, a conjugação é de uma dissimetria a uma simetria [(2) - (3)]. De δ (3º tempo) para β (4º tempo) a conjugação é de uma simetria a uma dissimetria [(3) - (2)].

Para suspender o caput mortuum do significante, basta fazer o significante repetir seu contorno. Resurgirá de sua ausência através de β (no 4º tempo), estabelecendo-se a conjugação cruzada de uma simetria a uma dissimetria [(3) - (2)].

Analisando-se o quadro 0, em relação à 1ª. série de 4 tempos, conclui-se que a letra γ é a excluída dos dois termos intermediários e que a letra β é a excluída do 1º termo intermediário (no 2º tempo) e a letra δ é a excluída no 2º termo intermediário (no 3º tempo). Logo, as letras excluídas β e δ dos dois termos intermediários, ao reproduzirem a ordem dos extremos, σ e β , guardam entre si uma ordem cruzada.

Prosseguindo na construção do quadro 0 até o 4º tempo de sua 2ª. série, tem-se:



Partindo-se de β no 1º tempo, tem-se no 2º tempo um caso de alternância, uma vez que se pode obter a partir de β ou um γ ou um δ . A letra excluída do 1º tempo intermediário será δ , pois a conjugação de β (1º tempo), com δ (2º tempo) tem seus símbolos conjugados de modo cruzado: uma dissimetria com uma simetria [(2) - (1)]. De δ (2º tempo) para β (3º tempo), letra excluída do 2º termo intermediário, a conjugação é de uma simetria para uma dissimetria [(1) - (2)]. Tratando-se do tempo constituinte do par, ao qual se aplica a lei da exclusão, sabe-se que a partir de um β só se pode obter ou um γ ou um δ . Dessa forma, constitui-se o tempo silencioso ou caput mortuum do significante. Para suspendê-lo, basta fazer o significante ressurgir de sua ausência através de δ (no 4º tempo), estabelecendo-se a conjugação cruzada de uma dissimetria a uma simetria [(2) - (3)].

Analisando a 2a. série de 4 tempos do quadro 0, conclui-se que a letra α é a excluída dos dois termos intermediários, a letra δ é a excluída do 1º termo intermediário e a letra β é a excluída do 2º termo intermediário. Logo, as letras excluídas δ e β dos dois termos intermediários, ao reproduzirem a ordem dos extremos β e δ , guardam entre si uma ordem cruzada.

Para Lacan, essas cadeias representam um rudimento do percurso subjetivo. Analisando-as no conjunto de suas possibilidades, através dos quadros anexos das operações I e II, pode-se verificar que, no 3º tempo, temos 2^{zero} blocos de α , β , γ , δ , no 4º tempo, temos 2¹ blocos, no 5º tempo, temos 2² blocos e assim por diante, até o n tempo em que se terá 2ⁿ⁻³ blocos de α , β , γ , δ . Isto nos mostra, que a sintaxe onde se encaixam esses símbolos apresenta vias que se repetem, dobrando em cada tempo, uniformemente, as vias possíveis da cadeia, o que indica uma universalidade de composição da estrutura.

A sintaxe desse percurso, que dá origem ao sujeito do inconsciente, mostra-nos que ele se funda no passado como logicamente disjuncto (tempo de alternância), no futuro em termos de uma ressurreição da morte (ao ser suspenso de sua ausência pela repetição de seu contorno, no extremo da cadeia), futuro anterior esse que tem sua atualidade no presente como sujeito subjetivamente silencioso (caput mortuum do significante).

A construção da rede dos α , β , γ e δ , através de suas propriedades, mostra-nos limites ou insuficiências, que nos sugerem como se compõem o simbólico, o real e o imaginário. Embora no interior da rede só se encontre o simbólico, podemos atingir os outros dois níveis, na medida em que o simbólico representa de um lado

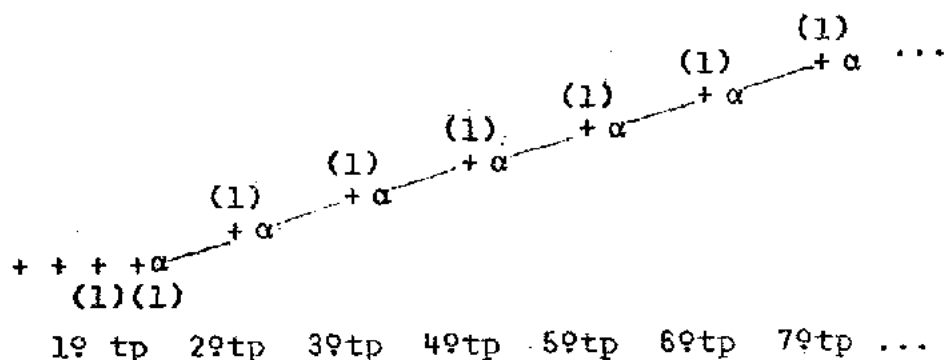
a parcialidade do real e do outro e aspecto alienante do imaginário.

Essas disparidades se manifestam na cadeia através das seguintes insuficiências:

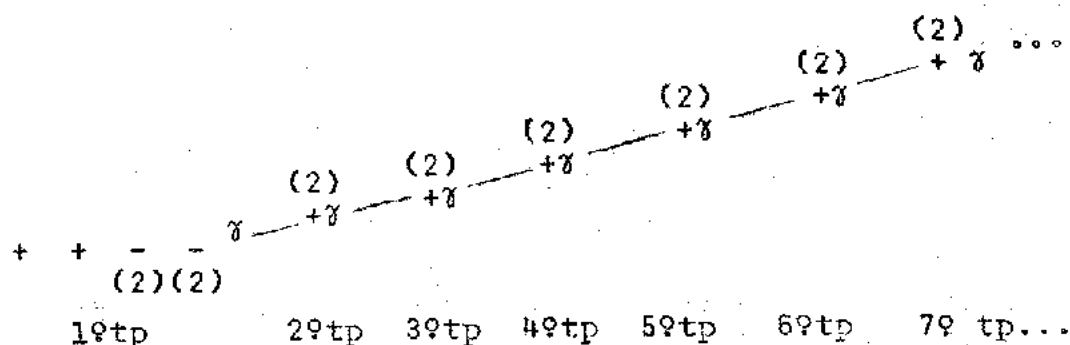
a) - A sintaxe que rege a sucessão dos α , β , γ e δ apresenta possibilidades de aparecimento dos diferentes símbolos absolutamente dissimétricas entre α e γ de um lado, e β e δ de outro.

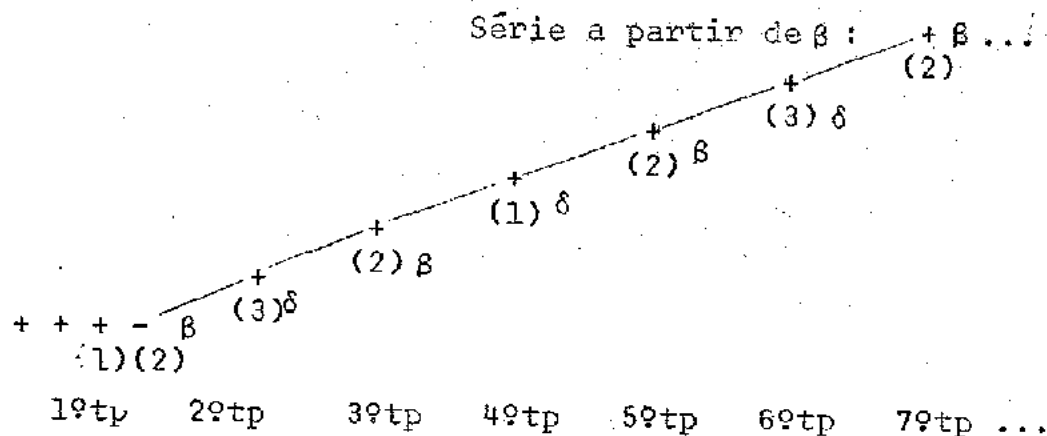
b) - Os α e γ podem, por uma condição feliz do acaso, se repetir cada um separadamente até cobrir a cadeia inteira, apresentando um máximo de 100% de frequência possível (vide anexos I e II), enquanto os β e δ têm sua frequência possível limitada a 50% (vide anexos I e II)

Série a partir de α :



Série a partir de γ :





c) A conjugação direta dos símbolos α e γ (α - simetria com simetria, γ - dissimetria com dissimetria), distinta da conjugação cruzada de β e δ (β - simetria com dissimetria, δ - dissimetria com simetria), resulta numa diferença do agrupamento das exclusões, em relação à ordem dos extremos. Daí vai decorrer um contraste estrutural dos dois quadros Ω e Θ .

d) Os cortes do caput mortuum embora decorram da aplicação da lei de exclusão, estão sujeitos às diferentes probabilidades de combinação dos símbolos, que como vimos pelos três itens acima, variam na construção da cadeia. Daí vai destacar-se do real a determinação simbólica, que registra no caput mortuum toda a parcialidade do real. As insuficiências da construção da rede, através das condições variadas de sua combinatória, mostra-nos que o real não é absoluto, isto é, não apresenta simultaneamente a possibilidade de presença e de ausência de mãe. É um real parcial, que apresenta ou presença ou ausência de mãe (ou - no sentido exclusivo), que corresponde ao tempo de alternância. Da vivência dessa oposição, presença/ausência, decorrente da disparidade do real, fica apontada a singularidade, a dissemelhança do sujeito. Essa dissemelhança, que marca o lugar excêntrico onde é necessário situar o sujeito do inconsciente, é o puro viver da morte, tempo silencioso. Decorre da presença de

mãe vivenciada como universo pleno, contrastando com a ausência de mãe, esvaziamento desse universo, levando o sujeito à vivência do zero, da sua não identidade.

O ressurgir dessa ausência para a identidade, através da estrutura de repetição, processo de diferenciação do idêntico - o que "não é idêntico a si mesmo" é idêntico "ao que não é idêntico a si mesmo" está representado na construção da rede pela retomada de seu contorno, na suspensão do caput mortuum do significante. Esse o paradoxo do significante - o traço do idêntico representa o não idêntico. O que no real é ausência, que se opõe à presença e que registra a não integridade do real, vai ser vivenciado como morte, zero, e contado como 1. A falta de unidade do real, que se apresenta na sua sucessividade opondo-se a si mesmo, promove um corte na relação simbiótica, que desnuda para o indivíduo sua singularidade vazia. É da vivência da morte e da ressurreição do sujeito, pela contradição contraditória, que vai ser possível a continuidade da vida, a dinâmica da cadeia do inconsciente. Dessa forma, está fundada nos primórdios de nossa existência subjetiva, a origem da atividade simbólica, da função substitutiva. O caput mortuum do significante inaugura a função simbólica, pois cria um vazio necessário de ser preenchido, pois é impossível conviver com ele na seqüência da vida, embora a vida decorra de sua presença intermitente. "... le signifiant est unité d'être unique, n'étant de par sa nature symbole que d'une absence".³²

O preenchimento dessa ausência, isto é, o exercício do simbólico na sua função natural, dar-se-á com a entrada do indivíduo numa ordem já constituída, expressa pelas estruturas da linguagem e sócio-culturais, encontrando-se no "Nom du Père" o suporte dessa função.

³²Lacan, Jacques, op. cit., p. 24.

A criança sai de uma relação imediata com sua mãe para uma relação mediata, pois vai ser inserida na ordem simbólica da família, que torna possível a ela o reconhecimento da diferença de sua subjetividade. Através dessa ordem, vai ser distinguida de pais e irmãos, recebendo um nome e uma função singular. A função do pai, representante da ordem e do sistema, é que estabelece uma cisura na união da criança com a mãe e possibilita a sua entrada na ordem simbólica. Por meio da identificação edípica é que o sujeito vai ultrapassar a agressividade da primeira individuação subjetiva.

Através da estrutura da linguagem, vai registrar-se o significado mediatizado pela rede dos significantes, vendo-se o sujeito comprometido numa ordem de símbolos que o distanciara do imediatamente vivido. É o momento em que o homem conjuga ausência e presença, (Fort-Da! ^{automatisme} ~~repetição~~ de repetição ou compulsão à repetição) e, em função desse enlace, o objeto vai perder sua condição natural, para depender das condições do símbolo.

Da insuficiência da rede, em termos de caput mortuum, vai formar-se no indivíduo, na medida em que sua vivência é de zero, a possibilidade de não se diferenciar do Outro, pondo-se totalmente em termos de Outro. Essa é a limitação ^{de qual decorre o} ~~destrutivo~~ do campo do imaginário, que vai reger a lógica binária. Na medida em que somos inaugurados como zero, nossa possibilidade é de ser todo o Outro. Isso nos aliena de nós mesmos. Por outro lado, a força que se experimenta de auto-destrutividade, com a negação de nós mesmos e a afirmação total do Outro, leva-nos à confrontação com o recurso oposto, que é o da hetero-agressividade, da negação do Outro. Essa é a destrutividade decorrente de nossa condição inicial. A lógica do Sim Absoluto ou do Não Absoluto é o grande problema do homem. Em trabalho a ser publicado posteriormente, analisamos a Lógica dos Possíveis, que permite romper com esses

limites, oferecendo a condição necessária à estrutura da identidade. O início de nossas vivências, no entanto, está marcado pelos limites do imaginário, que vai dar uma condição à Lógica Binária das mais desfigurantes do humano. Essa a origem, em termos formais, da relação imaginária do sujeito com seu semelhante, admitindo o Outro como absoluto, como o que pode anulá-lo, por não se diferenciar dele. "... le moi de l'homme n'est reductible à son identité vécue; et dans les disruptions dépressives des revers vécus de l'infériorité, engendre-t-il essentiellement les négations mortelles que le figent dans son formalisme. "Je ne suis rien de ce qui m'arrive. Tu n'est rien de ce qui vaut."³³ O exercício dessa relação imaginária como função natural, vai ser inaugurado com a assunção da imagem do corpo ao espelho, que marca a entrada na referência narcísica da construção do eu (moi). É o chamado estágio especular em Lacan, formador também da função do sujeito (Je), rudimento da construção do sujeito, que regula a divisão entre o imaginário e o simbólico. É o sujeito (Je) em sua forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação do outro.

É na relação imaginária onde o indivíduo se fixa a uma imagem que o aliena de si mesmo, que tem origem essa organização passional que se chamará seu eu (moi). "Cette forme se cristallisera en effet dans la tension conflictuelle interne au sujet, qui détermine l'éveil de son désir pour l'objet du désir de l'autre: ici le concours primordial se précipite en concurrence agressive, et c'est d'elle que naît la triade de l'autrui, du moi et de l'objet".³⁴ Esta organização apresenta uma espécie de estereotipia, que suspende dessa organização a função dialética. "Cette stagnation formelle est parente de la structure la plus générale de la connaissance

³³Lacan, Jacques, op. cit., p. 114.

³⁴_____, _____, p. 113.

humaine: celle qui constitue le moi et les objets sous des attributs de permanence, d'identité et de substantialité, bref sous forme d'entités ou de "choses".³⁵ É a linguagem que vai restituir ao sujeito (sujet), em termos universais, sua função de sujeito.

A semelhança entre a relação do zero e a sequência dos números naturais e a relação do sujeito excluído e a cadeia de significantes, anunciada no começo desta análise, poderá agora ser melhor compreendida. A passagem do zero ao um, que se dá pela contradição contraditória, é o motor que vai animar a sucessão da cadeia. O zero, enquanto membro da sequência como n^o, é apenas o "tenant - lieu" (elemento que falta mas não é ausente dela) suturante da ausência. Mas ele vai movimentar-se sobre a cadeia de acordo com o movimento de uma exclusão e de uma representação. Esse movimento é produto da repetição, por meio da qual o sujeito emergirá na progressão sucessiva como um, traço unário, representando os tempos do simbólico. Essa relação do zero com a sequência dos números é a relação que o sujeito mantém com a cadeia de significantes. Daí Lacan considerar o significante como superdeterminante, situado na determinação simbólica e jamais concebido como determinação real "... le deplacement du signifiant détermine les sujets dans leurs actes, dans leur destin, dans les refus, dans leurs aveuglements, dans leur succès et dans leur sort, non obstant leurs dons innés et leur acquis social, sans égard pour le caractère ou le sexe, et que bon gré mal gré suivra le train du signifiant comme armes et bagages, tout ce que est du donné psychologique."³⁶

³⁵Lacan, Jacques, op. cit. p. 111.

³⁶_____. p. 30.

CONCLUSÕES

A estrutura do inconsciente, tal como nos apresenta Lacan, pode ser considerada como o recorte delimitante que caracteriza o homem na sua atividade simbólica. O simbólico, nessa estrutura, não é um dado que se deduza a partir dela. Ele é elemento formador de sua construção e nela ganha seu significado. Seu modelo não se reduz à transposição da identidade de uma estrutura do campo das Ciências Físicas, estrutura essa explicativa do fato natural, para o campo das Ciências do Homem. O que ele transpõe é o modelo de uma ciência humana, a Linguística, que toma o fato humano como fato de significação.

A significação sempre foi considerada suspeita ao tratamento científico. Lacan supera esse fantasma na construção da cadeia dos significantes. As propriedades de sua sintaxe são teóricas. Ela não é construída segundo a realidade empírica. Lévi-Strauss pretende, como vimos no final do capítulo 3, que o funcionamento de seu modelo possa explicar os fatos observados e dar conta de todos eles. Parte de uma axiomática material. Seu modelo é considerado teórico, porque o formal é, para ele, modelo em relação a um domínio empírico dado. A sua valorização, entretanto, não se dá em nível teórico, na medida em que não se pode determinar que esse modelo é melhor construído que um outro, porque não é inventado pelo cientista em função de realizável. A análise de Lévi-Strauss incide sobre a formação de uma estrutura inconsciente que está realizada, estruturada no nível da superfície. Isto não significa que ele restaure o domínio do empirismo, porque sua estrutura não é aparente, não é descritiva do real. O mesmo se dá na Fonologia. O recorte sobre o real, ao ser analisado pela ciência Linguística, explicita as oposições significativas estruturadas pelo falante, em nível inconsciente. Esses traços distintivos não são encontrados a

partir de descrições e constatações aparentes, são produto de uma montagem feita pelo cientista em termos estruturais. Essa montagem está no entanto, realizada no nível de superfície.

Em Lacan, as propriedades de sua construção são teóricas e determinam formalmente o simbólico. Por se tratar da estrutura original, a que instaura o inconsciente, o "formal" tem um sentido muito próprio nesse contexto.

"O inconsciente é a implicação lógica da linguagem", diz Jacques Lacan no prólogo da obra de Anika Rifflet-Lemaire³⁷. Nele estão as raízes da implicação e da própria Lógica. Ele não é construído pela Lógica, ele inaugura a Lógica.

A implicação decorre do encadeamento dos símbolos, da sintaxe que rege a sucessão dos α , β , γ e δ . Pela lei da exclusão, vimos que a cadeia está subordinada às seguintes implicações lógicas:

Se α , então α ou β .

Se δ , então α ou β .

Se β , então γ ou δ .

Se γ , então γ ou δ .

Trata-se de implicação formal e não material, uma vez que entre o antecedente e o conseqüente há uma conexão formal, condição indispensável para que a implicação tenha sentido e seja verdadeira. A possibilidade de deduzir o conseqüente do antecedente constitui uma condição necessária para a validade da implicação.

³⁷Rifflet-Lemaire, Anika. *Lacan*. Prólogo de Jacques Lacan. Barcelona Edhasa, 1971, p. 19.

Quando analisamos, no capítulo 4, a limitação decorrente do campo do imaginário, aí encontramos a origem da Lógica Binária. Somos inaugurados como zero, lugar vazio. O sim da existência não decorre de um emergir pleno. Ele é consequência de um duplo não. É rarefeito e de pequena amplitude. O idêntico, inicialmente, está no ápice de um caminho muito curto. O "não do não" leva a uma identidade exígua. Esse percurso só se amplia com a entrada na ordem do simbólico, quando nossa identidade vai se construir, (antes há apenas um rudimento de percurso subjetivo) vai fazer recortes sobre o real, numa dialética que liga o sujeito às situações socialmente elaboradas, transformando o sujeito (je) especular em sujeito (sujet) social. Se existe "recusa" na entrada na ordem do simbólico e fica-se preso ao eu (moi) determinado no imaginário, o quadro se reduz ao mecanismo de repetição, através da negação da negação, que corresponderia a um constante nascimento abortado.

O simbólico na sua função natural, que se dá com a entrada do indivíduo na ordem já constituída, através das estruturas da linguagem e sócio-culturais, vai operar no campo da experiência, pondo em cena o sujeito excluído. Essa entrada em cena se expressa, em termos de linguagem, pela metáfora, que revela a substituição do significante pelo significante, identificada com a condensação e pela metonímia, que mostra a combinação do significante ao significante, identificada com o deslocamento. O processo de substituição se dá no eixo paradigmático e sua seleção, segundo R. Jakobson, é feita na base de semelhança e dissemelhança, sinonímia e antonímia. O processo de combinação se dá no eixo sintagmático, baseada na contigüidade.

A estrutura do inconsciente incide, pois, para Lacan, na nossa experiência, expressando-se por

meio de efeitos analisáveis. Não é uma estrutura descriva natural, mas também não está à distância da experiência. Essa estrutura está na nossa origem, ela é estruturante do sujeito e seria o ponto de partida para os estudos do homem. Com a sua construção, Lacan transforma a Psicanálise de caudatária de uma metodologia que serve à Física ou à Biologia, ou de uma metodologia limitada a pressupostos filosóficos, em uma ciência que explicita, no encontro da estrutura estruturante do inconsciente, as bases da formação das estruturas inconscientes descobertas nos recortes que as outras Ciências do Homem realizam na referência aos seus campos de aplicação.

Podemos afirmar, nesta demonstração que nos mostra a organização inaugural da subjetividade, em conclusão, que as estruturas inconscientes, tais como aparecem na Fonologia ou na Etnologia, encontram o ponto de partida de sua construção teórica na estrutura do inconsciente, tal como é formulada em Jacques Lacan.

19 tp

29 tp

39 tp

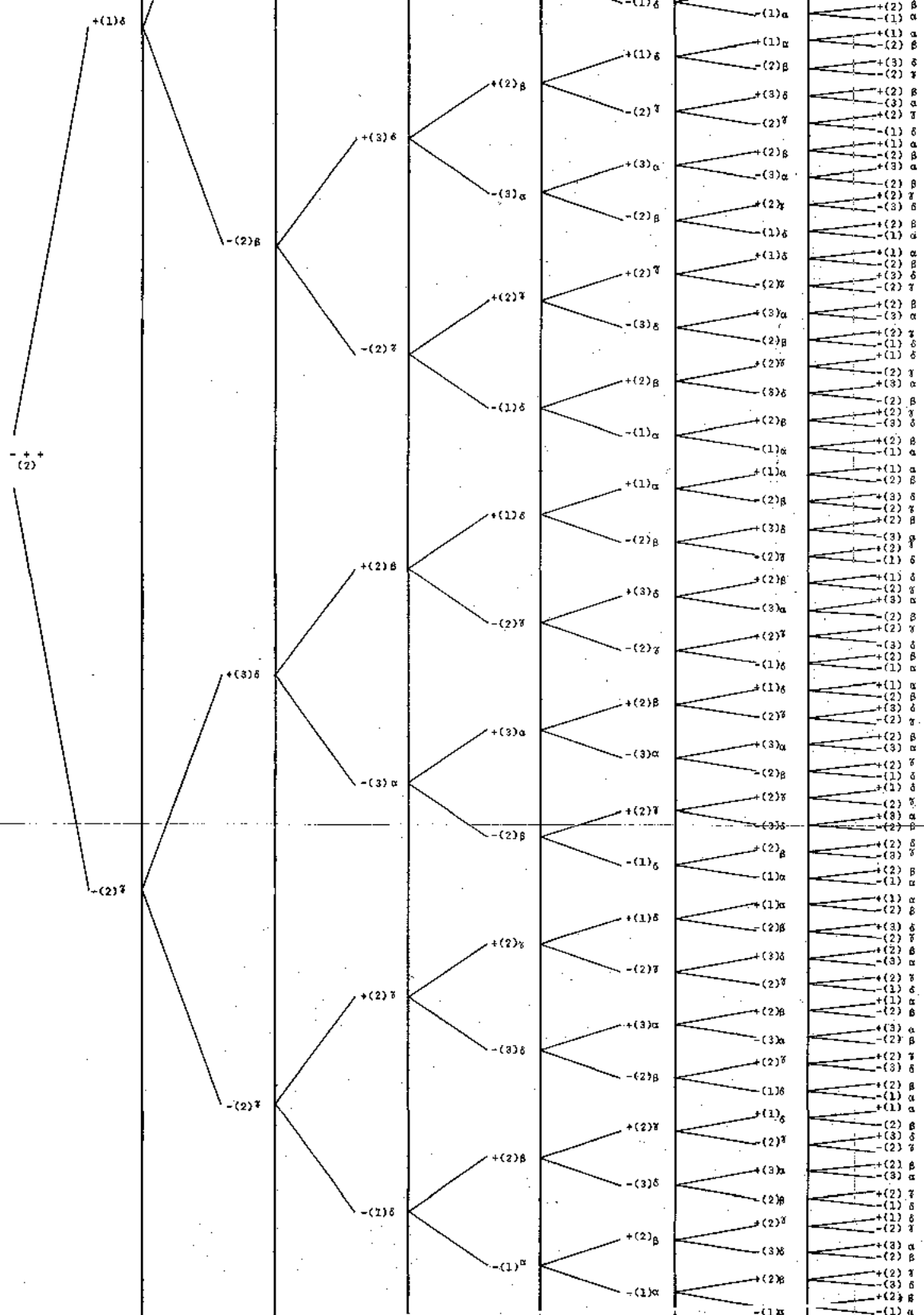
49 tp

59 tp

69 tp

79 tp

+ (3) α



BIBLIOGRAFIA

A - METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS

- 1 - AYER, Alfred Jules, Langage, vérité et logique. Trad. et introd. par Joseph Ohama. Paris, Flammarion [1956] 254 p. (Bibliothèque de Philosophie Scientifique, dir. Paul Gaultier)
- 2 - BACHELARD, Gaston. Épistémologie. Textes choisis par Dominique Lecourt. Paris, Presses Universitaires de France, 1971. 216 p. (Coll. SUP, Les Grands Textes, dir. C. Knodos, J. Laubier)
- 3 - BACHELARD, Gaston. La formation de l'esprit scientifique; contribution à une psychanalyse de la conscience objective. 5. éd. Paris, J. Vrin, 1967. 257 p. (Bibliothèque des Textes Philosophiques, dir. Henri Gouthier)
- 4 - BACHELARD, Gaston. O novo espírito científico. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1968. 151 p. (Biblioteca Tempo Universitário, 12)
- 5 - BADIOU, Alain. Le concept de modèle; introduction à une épistémologie matérialiste des mathématiques. Paris, F. Maspero, 1972. 94 p. (Théorie, dir. Louis Althusser)
- 6 - BARBUT, M. Anthropologie et mathématiques. In: THE SOCIAL sciences; problems and orientations. Les sciences sociales; problèmes et orientations. Selected studies... The Hague, Mouton, Paris, Unesco, 1973. 507 p., part 1, 1, p. 5-14.

- 7 - BAR-HILLEL, Yehoshua. Language. In: SCIENTIFIC thought; some underlying concepts methods and procedures. The Hague, Mouton, Paris, Unesco, 1972. 252 p., p. 107-28.
- 8 - EASTIDE, Roger et alii, comp. Sentidos y usos del término estructura en las ciencias del hombre. Buenos Aires, Paidós [1971] 142 p. (Biblioteca de Psicología Social y Sociología, 35)
- 9 - BERGMANN, Gustav. Filosofía de la ciencia. Madrid, Tecnos [1961] 215 p. (Estructura y Función, 3, dir. Enrique Tierno Galván)
- 10 - BERTALANFFY, Ludwig von. Teoria Geral dos sistemas. Trad. de Francisco M. Guimarães. Petrópolis, Vozes, 1973. 351 p. (Col. Teoria dos Sistemas, 2)
- 11 - BLACK, Max. Explicaciones del significado. In: BUNGE, Mario, comp. Antología semántica. Buenos Aires, Nueva Visión [1960] 273 p., p. 68-75 (Col. Interciencia, 8, dir. Jorge J. Goldemberg, Manuel Sadosky)
- 12 - BLANCHÉ, Robert. L'axiomatique. Paris, Presses Universitaires de France, 1955. 102 p. (Initiation Philosophique, 17, dir. Jean Lacroix)
- 13 - BLANCHÉ, Robert. Structures intellectuelles; essai sur l'organisation systématique des concepts. Préface de Georges Davy. 2. éd. Paris, J. Vrin, 1969. 149 p. (À la Recherche de la Vérité, dir. Georges Davy)
- 14 - BOUDON, Raymond. Modèles et méthodes mathématiques. In: TENDANCES principales de la recherche dans les sciences sociales et humaines. Ptie. 1, Sciences sociales. Préf. de René Maheu. La Haye, Mouton, Paris, Unesco, 1970. 987 p., p. 629-85.

- 15 - BUNGE, Mario, comp. Antología semántica. Buenos Aires, Nueva Visión [1960] 273 p. (Col. Interciencia, 8, dir. Jorge J. Goldemberg, Manuel Sadosky)
- 16 - BUNGE, Mario. Causalidad; el principio de causalidad en la ciencia moderna. Buenos Aires, Eudeba [1961] 403 p. (Temas de Eudeba/Filosofía)
- 17 - BUNGE, Mario. Metatheory. In: SCIENTIFIC thought; some underlying concepts methods and procedures. The Hague, Mouton, Paris, Unesco, 1972. 252 p., p. 227-52.
- 18 - LES CAHIERS POUR L'ANALYSE; revue trimestrielle. La formalisation. Paris, n. 10, hiver 1969.
- 19 - CARNAP, Rudolf. The logical syntax of language. London, Routledge & Kegan Paul [1964] 352 p. (The International Library of Psychology, Philosophy and Scientific Method)
- 20 - CARNAP, Rudolf. Meaning and necessity; a study in semantics and modal logic. Chicago, The University of Chicago Press [1964] 258 p. (Phoenix Books, P30)
- 21 - CARNAP, Rudolf. Significado y sinonimia en los lenguajes naturales. In: BUNGE, Mario, comp. Antología semántica. Buenos Aires, Nueva Visión [1960] 273 p., p. 25-44 (Col. Interciencia, 8, dir. Jorge J. Goldemberg, Manuel Sadosky)
- 22 - CELLÉRIER, Guy et alii. Cybernétique et épistémologie. Paris, Presses Universitaires de France, 1968. 143 p. (Études d'Épistémologie Génétique, 12, dir. Jean Piaget)

- 23 - COMPARATIVE and interdisciplinary research... In: THE SOCIAL sciences; problems and orientations. Les sciences sociales; problèmes et orientations. Selected studies... The Hague, Mouton, Paris, Unesco, 1973. 507 p., part 2, 4, p. 435-507.
- 24 - DANTZIG, Tobias. Number; the language of science. 4. ed. rev. augm. New York, The Free Press [1967] 340 p.
- 25 - DUCROT, Oswald. Le structuralisme en linguistique. In: — et alii. Qu'est-ce que le structuralisme? Paris, Éditions du Seuil [1968] 446 p., p. 13-96.
- 26 - DUCROT, Oswald et alii. Qu'est-ce que le structuralisme? Paris, Éditions du Seuil [1968] 446 p.
- 27 - ESPRIT. Nouvelle série. "La pensée sauvage" et le structuralisme. Paris, v. 31, n. 322, nov. 1963.
- 28 - ESTRUTURALISMO; antologia de textos teóricos. Seleção e introdução de Eduardo Prado Coelho [Lisboa] Portugalia [1968] 417 p.
- 29 - L'EXPLICATION dans les sciences... Colloque de l'Académie Internationale de Philosophie des Sciences avec le concours du Centre International d'Épistémologie Génétique (Genève, 25-29 sept. 1970) Paris, Flammarion [1973] 233 p. (Nouvelle Bibliothèque Scientifique, dir. Fernand Braudel)
- 30 - FEIGL, Herbert & MAXWELL, Grover, ed. Scientific explanation, space and time. Minneapolis, University of Minnesota Press [1962] 628 p. (Minnesota Studies in the Philosophy of Science, 3)

- 31 - FEIGL, Herbert & SCRIVEN, Michael, ed. The foundations of science and the concepts of psychology and psychoanalysis. Minneapolis, University of Minnesota Press [1964] 346 p. (Minnesota Studies in the Philosophy of Science, 1)
- 32 - FEIGL, Herbert; SCRIVEN, Michael & MAXWELL, Grover, ed. Concepts, theories and the mind-body problem. Minneapolis, University of Minnesota Press [1963] 553 p. (Minnesota Studies in the Philosophy of Science, 2)
- 33 - GRANGER, Gilles-Gaston. Essai d'une philosophie du y-le. Paris, A. Colin, 1968. 312 p. (Philosophies pour l'Age de la Science, dir. J. Vuillemin, Gilles Granger)
- 34 - GRANGER, Gilles-Gaston. Pensée formelle et sciences de l'homme. Paris, Aubier-Montaigne [1967] 226 p. (Coll. Analyse et Raisons, 2)
- 35 - GRÉCO, Pierre. Análisis estructural y estudio del desarrollo. In: SAZBÓN, José, comp. Estructuralismo y psicología. Buenos Aires, Nueva Visión [1970]
- 36 - HEMPEL, Carlos. Problemas y cambios en el criterio empirista de significado. In: BUNGE, Mario, comp. Antología semántica. Buenos Aires, Nueva Visión [1960] 273 p., p. 86-110 (Col. Interciencia, 8, dir. Jorge J. Goldemberg, Manuel Sadosky)
- 37 - HEUSCH, L. de. Les points de vue structuralistes en anthropologie et leurs principaux champs d'application. In: THE SOCIAL sciences; problems and orientations. Les sciences sociales; problèmes et orientations. Selected studies... The Hague, Mouton, Paris, Unesco, 1973, 507 p., part 1, 1, p. 33-46

- 38 - HILBERT, D. & ACKERMANN, W. Elementos de lógica teórica. Madrid, Tecnos [1962] 213 p. (Estructura y Función, 6, dir. Tierno Galvan)
- 39 - JAKOBSON, Roman. La linguistique. In: TENDANCES principales de la recherche dans les sciences sociales et humaines. Ptie. 1, Sciences sociales. Préf. de René Maheu. La Haye, Mouton, Paris, Unesco, 1970. 987 p., p. 504-56
- 40 - KLEENE, Stephen Cole. Introduction to metamathematics. Princeton, N.J., Van Nostrand [1964] 550 p. (The University Series in Higher Mathematics)
- 41 - KOCH, Sigmund, ed. Biologically oriented fields: their place in psychology and in biological science. New York, McGraw-Hill, 1962 (Psychology: a Study of a Science. Study 2, Empirical Substructure and Relations with other Sciences, 4)
- 42 - KOCH, Sigmund, ed. Formulations of the person and the social context. New York, McGraw-Hill, 1959 (Psychology: a Study of a Science. Study 1, Conceptual and Systematic, 3)
- 43 - KOCH, Sigmund, ed. General systematic formulations, learning, and special processes. New York, McGraw-Hill, 1959 (Psychology: a Study of a Science. Study 1, Conceptual and Systematic, 2)
- 44 - KOCH, Sigmund, ed. Investigation of man as socius: their place in psychology and the social sciences. New York, McGraw-Hill [1963] (Psychology: a Study of a Science. Study 2, Empirical Substructure and Relations with other Sciences, 6)

- 45 - KOCH, Sigmund, ed. The process areas, the person, and some applied fields: their place in psychology and in science. New York, McGraw-Hill 1963 (Psychology: a Study of a Science. Study 2; Empirical Substructure and Relations with other Sciences, 5)
- 46 - KOCH, Sigmund, ed. Psychology: a Study of a Science. Study 1, Conceptual and Systematic. Study 2, Empirical Substructure and Relations with other Sciences. New York, McGraw-Hill, 1959-1963. 6 v.
- 47 - KOCH, Sigmund, ed. Sensory, perceptual, and physiological formulations. New York, McGraw-Hill, 1959 (Psychology: a Study of a Science. Study 1, Conceptual and Systematic, 1)
- 48 - KYBURG JR., Henry E. Probability and inductive logic [New York] Macmillan [1970] 272 p.
- 49 - LECOURT, Dominique. Pour une critique de l'épistémologie (Bachelard, Ganguilhem, Foucault) Paris, F. Maspero, 1972. 134 p. (Théorie, dir. Louis Althusser)
- 50 - LERNER, Daniel, ed. Evidence and interference. The Hayden Colloquium on Scientific Concept and Method. Glencoe, The Free Press [1958] 164 p.
- 51 - LERNER, Daniel, ed. Quantity and quality. The Hayden Colloquium on Scientific Method and Concept. Glencoe. The Free Press [1961] 221 p.
- 52 - LUCHINS, Abraham & LUCHINS, Edith H. Logical foundations of mathematics for behavioral scientists. New York, Holt, Rinehart and Winston [1965]

- 53 - MACKENZIE, W. J. M. Models of collective decision-making. In: THE SOCIAL sciences; problems and orientations, Les sciences sociales; problèmes et orientations. Selected studies... The Hague, Mouton, Paris, Unesco, 1973. 507 p., part 2, 2, p. 356-70
- 54 - MANDLER, George & KESSEN, William. The language of psychology. New York, J. Wiley & sons, 1964. 301 p. (Science Éditions)
- 55 - MARX, Melvin H., ed. Theories in contemporary psychology. New York, Macmillan [1976] 628 p.
- 56 - MESAROVIC, Mihajlo D. Systems concepts. In: SCIENTIFIC thought; some underlying concepts methods and procedures. The Hague, Mouton, Paris, Unesco, 1972. 252 p., p. 57-68.
- 57 - MESSICK, David M., comp. O pensamento matemático nas ciências do comportamento. Trad. de A.S. Campbell e Christiano M. Oiticica. Rio de Janeiro, Renes, 1973. 336 p. 27 estudos publicados no Scientific American, 1948-1968.
- 58 - METHODS of simulation... In: THE SOCIAL sciences; problems and orientations. Les sciences sociales; problèmes et orientations. Selected studies... The Hague, Mouton, Paris, Unesco, 1973. 507 p., part 2, 3, p. 409-31.
- 59 - METHODS... Theory of systems... In: THE SOCIAL sciences; problems and orientations. Les sciences sociales; problèmes et orientations. Selected studies... The Hague, Mouton, Paris, Unesco, 1973. 507 p., part 2, I, p. 279-334.
- 60 - MODELS... In: THE SOCIAL sciences; problems and orientations. Les sciences sociales; problèmes et orientations. Selected studies... The Hague, Mouton, Paris, Unesco, 1973. 507 p., part 2, 2, p. 337-405.

- 61 - MONOD, Jacques. O acaso e a necessidade; ensaio sobre a filosofia natural da biologia moderna. Trad. de Bruno Palma e Pedro Paulo de Sena Madureira. 3. ed. Petrópolis, Vozes, 1972. 219 p.
- 62 - MOULOU, Noël. Langage et structures; essais de logique et de sémiologie. Paris [Payot, 1969] 252 p. (Petite Bibliothèque Payot, 140)
- 63 - MOULOU, Noël. La psychologie et les structures. Paris, Presses Universitaires de France, 1965. 125 p. (Initiation Philosophique, 72, dir. Jean Lacroix)
- 64 - MOULOU, Noël. Les structures, la recherche et le savoir, réflexion sur la méthode et la philosophie des sciences exactes. Paris, Payot, 1968. 307 p. (Bibliothèque Scientifique)
- 65 - MUCCHIELLI, Roger. Estabilidad y labilidad de las estructuras de la personalidad. In: SAZBÓN, José, comp. Estructuralismo y psicología. Buenos Aires, Nueva Visión [1970] 167 p., 181-95 (Col. El Pensamiento Estructuralista, dir. José Sazbón)
- 66 - MUCCHIELLI, Roger. Introducción a la psicología estructural. Barcelona [Anagrama, 1969] 266 p. (Col. Argumentos, 6)
- 67 - NAGEL, Ernest. La lógica sin metafísica. Madrid, Tecnos [1961] 362 p. (Estructura y Función, 5; dir. Enrique Tierno Galvan)
- 68 - NORTHROP, F. S. C. The logic of the sciences and the humanities. Cleveland, The World Publishing Company [1967] 402 p. (Meridian Books, M71)

- 69 - PAP, Arthur. Semántica y verdad necesaria; una investigación sobre los fundamentos de la filosofía analítica. Prólogo de Brand Blanshard. México, Fondo de Cultura Económica [1970] 483 p. (Sección de Obras de Filosofía)
- 70 - PAP, Arthur. Teoría analítica del conocimiento. Madrid, Tecnos [1964] 324 p. (Estructura y Función, 13, dir. Enrique Tierno Galvan)
- 71 - PIAGET, Jean. The concept of structure. In: SCIENTIFIC thought; some underlying concepts methods and procedures. The Hague, Mouton, Paris, Unesco, 1972. 252 p., p. 35-56.
- 72 - PIAGET, Jean. Introduction. La situation des sciences de l'homme dans le système des sciences. In: TENDANCES principales de la recherche dans les sciences sociales et humaines. Ptie. 1, Sciences sociales. Préf. de René Maheu. La Haye, Mouton, Paris, Unesco, 1970. 987 p., 1-65.
- 73 - PIAGET, Jean. dir. Logique et connaissance scientifique. [Paris, Gallimard, 1967] 1345 p. (Encyclopédie de la Pléiade, 22, dir. Raymond Queneau)
- 74 - PIAGET, Jean. Problèmes généraux de la recherche interdisciplinaire et mécanismes communs. In: TENDANCES principales de la recherche dans les sciences sociales et humaines. Ptie. 1, Sciences sociales. Préf. de René Maheu. La Haye, Mouton, Paris, Unesco, 1970. 987 p., p. 559-628.
- 75 - PIAGET, Jean. La psychologie. In: TENDANCES principales de la recherche dans les sciences sociales et humaines. Ptie. 1, Sciences sociales. Préf. de René Maheu. La Haye, Mouton, Paris, Unesco, 1970. 987 p., p. 274-339.

- 76 - PIAGET, Jean & MORF, Albert. Los isomorfismos parciales entre las estructuras lógicas y las estructuras perceptivas. In: SAZBÓN, José, comp. Estructuralismo y psicología. Buenos Aires, Nueva Visión [1970] 197 p., p. 7-87 (Col. El Pensamiento Estructuralista, dir. José Sazbón)
- 77 - POPPER, Karl R. El desarrollo del conocimiento científico; conjeturas y refutaciones. Buenos Aires, Paidós [1967] 463 p. (Biblioteca de Filosofía, Serie Mayor, 2, dir. Gregorio Klimovsky, Saad Chedid)
- 78 - POPPER, Karl R. La lógica de la investigación científica. Madrid, Tecnos [1962] 451 p. (Estructura y Función, 8)
- 79 - PROBLEMS and points of view... Anthropology... In: THE SOCIAL sciences; problems and orientations. Les sciences sociales; problèmes et orientations. Selected studies... The Hague, Mouton, Paris, Unesco, 1973. 507 p., part 1, 1, p. 5-53.
- 80 - PSICANÁLISE em crise [Petrópolis] Vozes, 1974 (Col. Conscientia, 1)
- 81 - QUINE, Willard van Orman. Hablando de objetos In: BUNGE, Mario, comp. Antología semántica. Buenos Aires, Nueva Visión [1960] 273 p., p. 45-57 (Col. Interciencia, 8, dir. Jorge J. Goldemberg, Manuel Sadosky)
- 82 - QUINE, Willard van Orman. Mathematical logic. Rev. ed. New York, Harper & Row [1965] 346 p. (Harper Torchbooks, TB/558M)
- 83 - QUINE, Willard van Orman & PIERCE, Edgard. Word and object. Cambridge, Mass., The M.I.T. Press [1970] 294 p. (MIT, 4)

- 84 - RADNER, Michael & WINOKUR, Stephen. Analyses of theories and methods of physics and psychology. Minneapolis, University of Minnesota Press [1970] 441 p. (Minnesota Studies in the Philosophy of Science, 4)
- 85 - REUCHLIN, Maurice. Les méthodes en psychologie. 2. éd. Paris, Presses Universitaires de France, 1971. 128 p. (Que Sais-je?, 1359)
- 86 - ROUGIER, Louis. Traité de la connaissance. Paris, Gauthier-Villars, 1955. 450 p.
- 87 - RUSSEL, Bertrand. Los principios de la matemática. Trad. por Juan Carlos Grimberg. Buenos Aires, Espasa-Galpe [1948] 655 p.
- 88 - RUSSEL, Bertrand. Vaguedad. In: BUNGE, Mario, comp. Antología semántica. Buenos Aires, Nueva Visión [1960] 273 p., 14-24 (Col. Interciencia, 8, dir. Jorge J. Goldemberg, Manuel Sadosky)
- 89 - RUYTINX, Jacques. La problématique philosophique de l'unité de la science; étude critique. Paris, Les Belles Lettres, 1962. 368 p. (Bibliothèque de la Faculté de Philosophie et Lettres de l'Université de Liège, 164)
- 90 - SAFOUAN, Moustafa. De la structure en psychanalyse, contribution à une théorie. In: DUCROT, Oswald et alii. Qu'est-ce que le structuralisme? Paris, Éditions du Seuil [1968] 446 p., p. 239-98.
- 91 - SAZBÓN, José, comp. Estructuralismo y psicología. Buenos Aires, Nueva Visión [1970] 197 p. (Col. El Pensamiento Estructuralista, dir. José Sazbón)

- 92 - SCIENTIFIC thought; some underlying concepts methods and procedures. The Hague, Mouton, Paris, Unesco, 1972. 252 p.
- 93 - SIMONIS, Yvan. Claude Lévi-Strauss ou La "passion de l'inceste"; introduction au structuralisme. Paris, Aubier Montaigne [1968] 380 p. (Coll. Recherches Économiques et Sociales, 8)
- 94 - THE SOCIAL sciences; problems and orientations. Les sciences sociales; problèmes et orientations. Selected studies... The Hague, Mouton, Paris, Unesco, 1973. 507 p.
- 95 - SPERBER, Dan. Le structuralisme en anthropologie. In: DUCROT, Oswald et alii. Qu'est-ce que le structuralisme? Paris, Éditions de Seuil [1968] 446 p., p. 167-238.
- 96 - STACHOWIAK, Herbert. Models. In: SCIENTIFIC thought; some underlying concepts methods and procedures. The Hague, Mouton, Paris, Unesco, 1972. 252 p., p. 145-66.
- 97 - SUPPES, Patrick & HILL, Shirley. First course in mathematical logic. Waltham, Mass., Blaisdell [1964] 274 p.
- 98 - SUPPES, Patrick & HILL, Shirley. Solutions to the exercises in First course in mathematical logic, prepared by Frederick Binford. New York, Blaisdell [1965] 173.
- 99 - TARSKI, Alfred. La concepción semántica de la verdad y los fundamentos de la semántica. In: BUNGE, Mario, comp. Antología semántica. Buenos Aires, Nueva Visión [1960] 273 p., p. 111-57 (Col. Interciencia, 8, dir. Jorge J. Goldemberg, Manuel Sadosky)

- 100 - TENDANCES principales de la recherche dans les sciences sociales et humaines. Ptie. 1, Sciences sociales. Préf. de René Maheu. La Haye, Mouton, Paris, Unesco, 1970. 987 p.
- 101 - TONDL, Ladislav. Sign. In: SCIENTIFIC thought; some underlying concepts methods and procedures. The Hague, Mouton, Paris, Unesco, 1972. 252 p., p. 89-106.
- 102 - TURNER, Merle B. Psychology and the philosophy of science. New York, Apleton-Century-Crofts [1968] 240 p. (Century Psychology Series)
- 103 - VIET, Jean. Los métodos estructuralistas en las ciencias sociales. Trad. Manuel Lamana. Buenos Aires, Amorrortu [1970] 283 p. (Biblioteca de Sociología, dir. Luis A. Rigal)
- 104 - VOROBYEV, Nicolai N. Game theory. In: SCIENTIFIC thought, some underlying concepts methods and procedures. The Hague, Mouton, Paris, Unesco, 1972. 252 p., p. 205-25.
- 105 - WATANABE, Satosi. Information. In: SCIENTIFIC thought; some underlying concepts methods and procedures. The Hague, Mouton, Paris, Unesco, 1972, p., p. 129-44.
- 106 - WHORF, Benjamin Lee. Language, thought, and reality; selected writings... ed. and with an introd. by John B. Carroll. Foreword by Stuart Chase [Cambridge, Mass.] The Technology Press of M.I.T., New York, J. Wiley & sons [1957] 278 p.

- 107 - WITTGENSTEIN, Ludwig. Tractatus logico-philosophicus.
Introd. de Bertrand Russel. Trad. de Enrique
Tierno Galvan. Madrid, Revista de Occidente [1957]
209 p.
- 108 - ZIZIEMSKY, David, ed. Métodos de investigación en
psicología y psicopatología. Buenos Aires, Nueva
Visión [1971] 214 p. (Col. Lenguaje y Comuni-
cación, dir. Oscar Masotta)

B - BIBLIOGRAFIA DE BASE

- 1 - BARTHES, Roland. Elementos de semiología. Trad. de
Izidoro Blikstein [São Paulo] Cultrix, Editora
da USP [1971] 116 p.
- 2 - DISCUSSÃO: Maurice Merleau-Ponty, André Green Tos-
quelles, E. Minkowski, Henri Lefebvre, Jacques
Lacan e Serge Leclair. In: EY, Henri, dir. O
inconsciente (VI Colóquio de Bonneval). Pt. 2,
O inconsciente e a linguagem. Rio de Janeiro,
Tempo Brasileiro, 1969. 207 p., p. 170-207 (Bi-
blioteca Tempo Universitário, 18)
- 3 - DUROUX, Yves. Psychologie et logique. Les Cahiers
pour l'Analyse, Paris (1/2):33-8, jan./avr. 1966.
- 4 - EY, Henri, dir. O inconsciente (VI Colóquio de Bon-
neval) Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969.
207 p. (Biblioteca Tempo Universitário, 18)
- 5 - FRENCH Freud: structural studies in psychoanalysis
New Haven, Conn., Yale Univeristy, 1972 202 p.
(Yale French Studies, 48)

- 6 - GREEN, André. El inconsciente freudiano y el psicoanálisis francés contemporáneo. Título original: "L'inconscient freudien et la psychanalyse française contemporaine". In: — et alii. El inconsciente freudiano y el psicoanálisis francés contemporáneo. Selección de Oscar Masotta. Buenos Aires, Nueva Visión [1969] 181 p., p. 79-101 (Col. Lenguaje y Comunicación, dir. Oscar Masotta)
- 7 - GREEN, André et alii. El inconsciente freudiano y el psicoanálisis francés contemporáneo. Selección de Oscar Masotta. Buenos Aires, Nueva Visión [1969] 181 p. (Col. Lenguaje y Comunicación, dir. Oscar Masotta)
- 8 - GREIMAS, A. J. Sémantique structurale; recherche de méthode. Paris, Lib. Larousse [1966] 262 p. (Langue et Langue)
- 9 - HESNARD, A. De Freud à Lacan. 2. éd. Paris, Les Édition ESF [1971] 148 p. (Horizons de la Psychologie, 5, dir. Roger Mucchielli)
- 10 - JAKOBSON, Roman. Fonema e fonologia; ensaios. Seleção, trad. e notas, com um estudo sobre o autor por J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro, Liv. Acadêmica [1967] 201 p. (Filosofia e Linguística, 2)
- 11 - LACAN, Jacques. Las formaciones del inconsciente, seguido de "El deseo y su interpretación". Textos introductorios de Charles Melman, Jan Miel y Jean Reboul. Buenos Aires, Nueva Visión [1970] 175 p. (Col. Lenguaje y Comunicación, dir. Oscar Masotta)

- 12 - LACAN, Jacques. Le séminaire... Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse. Texte établi par Jacques-Alain Miller. Paris, Éditions du Seuil [1964] v. 11, 256 p.
- 13 - LAPLANCHE, Jean & LECLAIRE, Serge. O inconsciente; um estudo psicanalítico. In: EY, Henri, dir. O inconsciente (VI Colóquio de Bonneval) Pt. 2, O inconsciente e a linguagem, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969. 207 p., p. 111-54 (Biblioteca Tempo Universitário, 18)
- 14 - LÉVI-STRAUSS, Claude. La pensée sauvage [Paris] Plon [1962] 395 p.
- 15 - LYONS, John. Linguistique générale; introduction à la linguistique théorique. Paris, Lib. Larousse [1970] 384 p. (Langue et Langage)
- 16 - MANDELBROT, B. Information theory and psycholinguistics. In: OLDFIELD, R. C. & MARSHALL, J. C. Language; selected readings [Harmondsworth, Penguin Books, 1971] 392 p., p. 263-75 (Penguin Education)
- 17 - MARTINET, André et alii, dir. La linguistique; guide alphabétique [Paris] Denoël [1969] 490 p. (Col. Guides Alphabétiques. Médiations)
- 18 - MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. Estrutura da língua portuguesa. 3. ed. Petrópolis, Vozes, 1972. 114 p.
- 19 - MEHLMAN, Jeffrey. The "floating signifier": from Lévi-Strauss to Lacan. In: FRENCH Freud: structural studies in psychoanalysis [New Haven, Conn., Yale University, 1972] 202 p., p. 10-37 (Yale French Studies, 48)

- 20 - MILLER, J. A. Some preliminaries to psycholinguistics. In: OLDFIELD, R. C. & MARSHALL, J. C. Language; selected readings [Harmondsworth, Penguin Books, 1971] 392 p., p. 202-12 (Penguin Education)
- 21 - NOUVELLE REVUE DE PSYCHANALYSE. L'espace du rêve. Paris, n. 5, printemps 1972. Dir. J. B. Pontalis.
- 22 - NOUVELLE REVUE DE PSYCHANALYSE. Incidences de la psychanalyse. Paris, n. 1, printemps 1970. Dir. J. B. Pontalis.
- 23 - NOUVELLE REVUE DE PSYCHANALYSE. Lieux du corps. Paris, n. 3, printemps 1971. Dir. J. B. Pontalis.
- 24 - OLDFIELD, R. C. & MARSHALL, J. C. Language; selected readings [Harmondsworth, Penguin Books, 1971] 392 p. (Penguin Education)
- 25 - ORTIGUES, Marie-Cécile & ORTIGUES, Edmond. Oedipe africain. Nouv. éd. rev. corr. [Paris] Plon [1973] 438 p. (Coll. Bibliothèque, 10/18, dir. Christian Bourgois)
- 26 - ORTIGUES, Marie-Cécile & ORTIGUES, Edmond. Questions méthodologiques. In: — & —. Oedipe africain. Nouv. éd. rev. corr. [Paris] Plon [1973] 438 p., cap. 1, p. 13-65.
- 27 - PONTALIS, J. B. La question de la psychanalyse. Nouvelle Revue de Psychanalyse. Incidences de la psychanalyse. Paris (1):5-8, printemps 1970.
- 28 - RIFFLET-LEMAIRE, Anika. Lacan [Prólogo de Jacques Lacan. Barcelona] Edhasa, 1971. 412 p.

- 29 - ROSOLATO, Guy. Recension du corps. Nouvelle Revue de Psychanalyse. Lieux du corps. Paris (3):5-28, printemps 1971.
- 30 - SCILICET; revue de l'École Freudienne de Paris. Paris, v. 2/3, 1970; v. 4, 1973.
- 31 - SHEVRIN, Serge. Condensation et métaphore. Nouvelle Revue de Psychanalyse. L'espace du rêve. Paris, (5):115-30, printemps 1972.
- 32 - STEIN, Conrad. Linguagem e inconsciente. In: EY, Henri, dir. O inconsciente (VI Colóquio de Bonneval) Pt. 2, O inconsciente e a linguagem. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969. 207 p., p. 155-70 (Biblioteca Tempo Universitário, 18)

C - OBRAS CITADAS NO TEXTO

5

BENVENISTE, Émile. Problèmes de linguistique générale [Paris] Gallimard [1966] 356 p., cap. 10, 119-31 (Bibliothèque des Sciences Humaines)

2

BOOLE, George. Mathematical analysis. Oxford, Basil Blackwell, 1948. p. 12.

19

BOUDON, Raymond. A quoi sert la notion de "structure"? Essai sur la signification de la notion de structure dans les sciences humaines [Paris] Gallimard [1968] 244 p., p. 131 (Les Essais, 136)

20

BOUDON, Raymond, op. cit., p. 135.

- 4
CAHIERS FERDINAND DE SAUSSURE, Paris, n. 12, p. 63, 1954.
Apud BENVENISTE, Émile, op. cit., p. 40-1
- 11
CUNHA, Celso Ferrreira da. Gramática da língua portuguesa.
Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1972.
p. 42.
- 12
CUNHA, Celso Ferreira da, op. cit., p. 55
- 29
FREGE, Gottlob. Grundlagen der Arithmetik. Breslau, 1884.
- 8
JAKOBSON, Roman. Essais de linguistique générale. Rapports
internes et externes du langage [Paris] Les Éditions
de Minuit [1973] 319 p., t. 2, p. 124 (Arguments, 57)
- 13
JAKOBSON, Roman, op. cit., p. 162.
- 21
KEMENY, John G.; SNELL, J. Laurie & THOMPSON, Gerald L.
Introduction to finite mathematics. Englewood-Cliffs,
N. J., Prentice-Hall, 1956. Apud BOUDON, Raymond, op.
cit., p. 128.
- 1
LACAN, Jacques. Écrits. Paris, Éditions du Seuil [1966]
912 p., p. 88 (Le Champ Freudien, dir. Jacques Lacan)
- 25
LACAN, Jacques, op. cit., p. 50.
- 26, 27, 28
LACAN, Jacques, op. cit., p. 649.

32

LACAN, Jacques, op. cit., p. 24.

33

LACAN, Jacques, op. cit., p. 114.

34

LACAN, Jacques, op. cit., p. 113.

35

LACAN, Jacques, op. cit., p. 111.

36

LACAN, Jacques, op. cit., p. 30.

31

LACAN, Jacques. Introduction. In: ——. Écrits. Paris, Éditions du Seuil [1966] 912 p., p. 44-54 (Le Champ Freudien, dir. Jacques Lacan)

14

LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural. Trad. de Chaim Samuel Katz e Eduardo Pires. Rev. etnológica de Júlio Cezar Melatti, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967. p. 45-70 (Biblioteca Tempo Universitário, 7)

16

LÉVI-STRAUSS, Claude. Les structures élémentaires de la parenté. Paris, Mouton, 1968. 591 p., p. 10 (Coll. Rééditions, 2)

17

LÉVI-STRAUSS, Claude, op. cit., referência 16, p. 29.

18

LÉVI-STRAUSS, Claude, op. cit., referência 16, p. 14.

22

LÉVI-STRAUSS, Claude, op. cit., referência 16, p. 188.

23

LÉVI-STRAUSS, Claude, op. cit., referência 16, p. 108.

24

MILLER, Jacques-Alain. La suture (éléments de la logique du signifiant) Les Cahiers pour l'Analyse, Paris (1/2):40, jan./avr. 1966.

3

PRIETO, Luis J. La découverte du phonème, interprétation épistémologique. La Pensée, Paris, n. 148, déc. 1969, p. 53.

10

PRIETO, Luis J., op. cit.

37

RIFFLET-LEMAIRE, Anika. Lacan [Prólogo de Jacques Lacan. Barcelona] Edhasa, 1971. 412 p., p. 19.

6, 7

SAUSSURE, Ferdinand. Cours de linguistique générale. Paris, Payot, 1968. 331 p., p. 56 (Coll. Études et Documents)

9

SAUSSURE, Ferdinand, op. cit., p. 124.


30

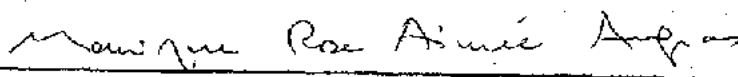
TARSKI, Alfred. Introduction to logic and to the methodology of deductive sciences. New York, Oxford University Press, 1965. p. 55-7 (Galaxy Book, 133)

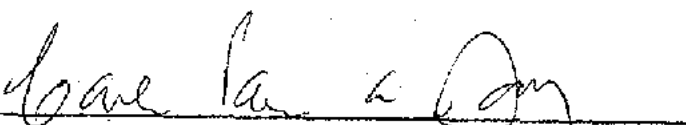
TRUBETZKOY, N. La phonologie actuelle. Psychologie du Lan-
gage, Paris, 1933. p. 243.

Nota: Referências bibliográficas de acordo com as
normas da Associação Brasileira de Normas
Técnicas (ABNT) ed. de 1970.

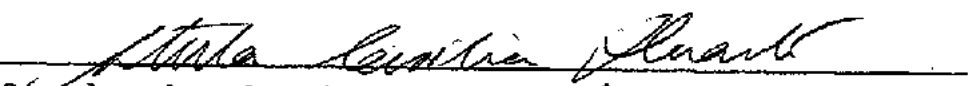
Tese apresentada no Departamento de Psicologia
da Pontifícia Universidade Católica do Rio de
Janeiro, fazendo parte da Banca examinadora os
seguintes professores:


Prof.


Prof.


Prof.

Aprovada e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1974


Coordenador dos Programas de Pós-Graduação e Pes-
quisa do Centro de Teologia e Ciências Humanas.